

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

**‘A SESSÃO VAI COMEÇAR’: O CINEMA E AS MUDANÇAS DE
HÁBITOS E COMPORTAMENTOS NA PARAÍBA NA PRIMEIRA
METADE DO SÉCULO XX**

Lincon César Medeiros de Souza

Campina Grande – PB
Novembro de 2004

LINCON CÉSAR MEDEIROS DE SOUZA

**'A SESSÃO VAI COMEÇAR': O CINEMA E AS MUDANÇAS DE
HÁBITOS E COMPORTAMENTOS NA PARAÍBA NA PRIMEIRA
METADE DO SÉCULO XX**

Monografia apresentada ao curso de licenciatura em História da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Centro de Humanidades, Unidade Acadêmica de História e Geografia, como exigência para a conclusão da graduação em História.

Orientador: Profº .Dr. Fabio Gutemberg R. B. de Sousa

**CAMPINA GRANDE – PB
Novembro de 2004**

LINCON CÉSAR MEDEIROS DE SOUZA

**'A SESSÃO VAI COMEÇAR': O CINEMA E AS MUDANÇAS DE
HÁBITOS E COMPORTAMENTOS NA PARAÍBA NA PRIMEIRA
METADE DO SÉCULO XX**

Monografia de conclusão do curso de História.

Aprovado em ____ / ____ /2004

BANCA EXAMINADORA

Profº. Dr. Fabio Gutemberg R. B. de Sousa

Orientador

Profº. Dr. Gervácio Batista Aranha

Examinador

Profº. Dr. Antônio Clarindo Barbosa de Souza

Examinador



Biblioteca Setorial do CDSA. Março de 2024.

Sumé - PB

De tudo ficaram três coisas...
A certeza de que estamos sempre começando...
A certeza de que precisamos continuar...
A certeza de que seremos interrompidos antes de terminar...
Portanto devemos:
Fazer da interrupção um caminho novo...
Da queda um passo de dança...
Do medo, uma escada...
Do sonho, uma ponte...
Da procura um encontro.

Fernando Pessoa

AGRADECIMENTOS

Nenhum trabalho é terminado sem a colaboração de pessoas que direta ou indiretamente contribuem para a sua elaboração. Pessoas que ajudam em maior ou menor proporção, mas que continuam tendo uma significativa participação no processo de produção de um determinado texto. A essas pessoas só nos resta agradecer.

Agradeço a Elizângela que além de namorada, foi amiga, incentivadora, minha redatora particular que leu e corrigiu com paciência e atenção os erros que por mim passavam despercebidos, sempre com palavras de elogio que serviram de força para continuar o trabalho. Esta monografia também é um pouco dela.

O agradecimento se estende também ao professor Fabio Gutemberg, não só por ter me orientado neste trabalho, mas por ser um exemplo de profissional que sempre procurou ajudar com seus ensinamentos, elogios e críticas que foram muito significativos para minha formação acadêmica.

Este trabalho também tem contribuições de todos os professores do departamento que passaram valiosas informações de como estudar a história e ser um historiador, bem como a todos que constroem a universidade com muito esforço e dedicação, dando condições de vivermos este ambiente.

A agradeço ainda aos colegas e amigos que enfrentaram junto comigo todas as dificuldades do curso e me ajudaram a chegar ao fim desta graduação.

E como não poderia deixar de ser, agradeço especialmente aos meus pais que apesar de todas as dificuldades de uma família de trabalhadores, me deram todas as condições materiais para desenvolver as minhas atividades acadêmicas. Além disso, me ensinaram o quanto é importante uma pessoa estudar para conseguir êxito neste caminho difícil que é a vida. Então este é o resultado deles.

RESUMO

Este trabalho conta uma parte da história das duas maiores cidades paraibanas (Parahyba – João Pessoa e Campina Grande) na primeira metade do século XX, a partir do cinematógrafo, um equipamento dos mais significativos para os habitantes da região e que redimensionou o seu cotidiano.

O cinematógrafo modificou hábitos e comportamentos das pessoas que se apropriaram dos seus espaços e o utilizaram de maneiras diversas, não obedecendo a certos padrões vistos e tidos como civilizados por parte da elite letrada local. Ele dividiu opiniões, inclusive desta elite letrada, pois do mesmo modo que havia aqueles que mostravam o cinematógrafo como um símbolo da modernidade, havia também aqueles que o viam como um mal para a sociedade.

Quem não queria simplesmente assistir aos filmes usava o cinema para fins bem inusitados. Foram muitas as brincadeiras que divertiam os espectadores da mesma maneira que irritavam os funcionários, vítimas das algazarras. Os ambientes serviram de alternativa para o encontro dos jovens enamorados, que flertavam durante as sessões. O cinema foi ainda palco das mazelas da sociedade, como a ação dos pedintes e dos assaltos. Enfim, as casas de exibição estavam prenhes de possibilidades.

O cinema sugestionou ainda os hábitos da população a partir de uma poderosa máquina de propaganda que evoluiu bastante na tentativa de atrair cada vez mais apaixonados para o mundo cheio de belezas dos filmes. A idéia era seduzir mais os espectadores como forma de promover o sucesso do cinema.

Sendo assim, as cidades paraibanas foram palcos, na primeira metade do século XX, de várias mudanças no seu cotidiano e um dos responsáveis por essas mudanças foi à chegada e a instalação do cinematógrafo que se integrou à sociedade, modificando muitos dos seus hábitos.

SUMÁRIO

Introdução.....	07
1ª Parte: 'Falem mal, mas falem de mim': o cinematógrafo no discurso da imprensa paraibana na primeira metade do século XX.....	12
2ª Parte: 'Nem todo dia é dia de filme': as diferentes apropriações dos ambientes dos cinemas.....	26
3ª Parte: 'Quem não anuncia...': a propaganda é a sua arma.....	40
Considerações Finais.....	54
Fontes de Pesquisa.....	56
Bibliografia.....	57

INTRODUÇÃO

Havia também um cinema. Ali, acompanhei varios filmes de "Far-West", em que sempre apareciam Art Accord ou William Desmond.

À entrada do velho casino, inevitavelmente, encontravam-se garotos fanáticos a discutir, em grupos, cartazes consumidos pelo tempo.

E era de ver com que exaltação batiam no assoalho, explodindo em aplausos, o rapazinho da fita dominava, na lucta dezenas de bandidos...

Quantas vezes chorei para conseguir, em casa a importancia do ingresso...

- Não senhor, não vae não. Quero lá filho em cinema todo dia?

- É fita de artecô, mamãe... Me dá?

A presença de um camarada, nesses momentos, era de valor extraordinário para o bom desfecho do caso.

(Oliveira Sobrinho, 2^a quinzena de junho e 1^a quinzena de julho de 1937, revista *Ilustração*, P.3).

As lembranças deste letrado se referiam a Sapé, uma cidade do interior paraibano, mas bem que poderiam ser as palavras de alguém que estivesse discorrendo sobre qualquer outra cidade paraibana, pois o cotidiano dos habitantes da região foi significativamente modificado a partir da chegada do cinema, que redimensionou hábitos e costumes dos diferentes setores da sociedade. A população passou a se comportar de maneira diferente com a presença do cinematógrafo que sugestionou mudanças na vivência das mais diferentes pessoas que, a partir de trajetórias e experiências pessoais ou de grupos, se apropriaram de maneiras singulares do cinematógrafo.

É sobre o cinema na Paraíba - um tema que sempre ocupou um espaço especial dentre as minhas predileções, o que de certa forma justifica a idéia de me aventurar nesta empreitada - que discuto nesta monografia de conclusão da graduação do curso de história; algo que foi facilitado pelo meu engajamento no projeto PIBIC: "Cidades e culturas na Paraíba - 1900-1950", pois este proporcionou a oportunidade de estudar aspectos sócio-culturais das duas maiores cidades paraibanas, João Pessoa e Campina Grande. Com o projeto surgiu a possibilidade de desenvolver pesquisas e leituras sobre "cidade e cultura", já que a idéia geral era compreender como os moradores destas cidades vivenciaram as diferentes mudanças por que passaram na primeira metade do século XX.

Assim, diante de tantos temas que poderiam ser estudados, pude trabalhar sobre uma temática que sempre me chamou atenção: as cidades, sua diversidade, aspectos sócio-culturais e a multiplicidade de leituras e significações construídas por uma população heterogênea, marcada pela diversidade de projetos e sonhos.

É o que observou Stella Bresciani¹ ao apontar que a cidade é formada por um conjunto de experiências visuais; ao falar da metrópole, deixa claro que este é um ambiente representado de várias maneiras: foi decantada como a maior prova do progresso humano, uma visão agradável da modernidade que não era compartilhada por todos aqueles que se propuseram a estudar o ambiente metropolitano. Engels, por exemplo, denunciava toda a exploração capitalista que aumentava à medida que as cidades se urbanizavam e se industrializavam; já Benjamim procurou captar as sensibilidades que surgiram e se desfizeram com a ascensão do mundo moderno. Ele não estava interessado no desenvolvimento material da metrópole, mas sim nas angústias, nos medos que pontuaram uma população que aprendia a conviver com uma série de transformações trazidas pela modernidade. Bresciani mostra ainda as questões levantadas por François Béguin, que concebia a cidade moderna como o espaço de conforto e controle social. Desse modo, a autora afirma que a cidade pode ser concebida de maneiras diversas, entre vícios e virtudes.

As cidades são antes de tudo uma experiência visual. Traçado de ruas, essas vias de circulação ladeadas de construções, os vazios das praças cercadas por igrejas e edifícios públicos, o movimento de pessoas e a agitação das atividades concentradas no mesmo espaço. E mais, um lugar saturado de significações acumuladas através do tempo, uma produção social sempre referida a algumas de suas formas de inserção topográfica ou particularidades arquitetônicas. (Bresciani, 1998: 237).

A cidade como um mosaico de significações pode ser apreendida e estudada a partir de inúmeros aspectos. E sendo necessária a escolha de uma porta de entrada que possibilite estudá-la, optei pela porta das mudanças das cidades paraibanas a partir do advento de um equipamento moderno dos mais significativos, o cinema, um equipamento que durante boa parte da primeira metade do século XX

¹ BRESCIANI, Stella. "História e historiografia das cidades e percursos". IN: *Historiografia brasileira em perspectiva*. FREITAS, Marcos César (org). São Paulo, Contexto, 1998: 237–258.

foi decantado como uma espécie de elo que ligaria os ambientes locais à modernidade.

Lembrando que, como observou Gervácio Aranha,² a noção de modernidade decantada nas cidades do Norte/Nordeste do Brasil entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, não é igual ao fenômeno da modernidade das grandes capitais européias (Londres e Paris) da segunda metade do século XIX. Há grandes diferenças que separam a modernidade européia daquela decantada no Norte/Nordeste do Brasil; nas metrópoles européias vamos encontrar aqueles ritmos acelerados e incessantes, típicos das grandes cidades e uma população de mais de um milhão de habitantes, o que no Brasil e principalmente na Paraíba, era algo impensável.

Além do limite físico, que é bastante diferente na comparação entre algumas cidades européias e brasileiras, podemos encontrar nas cidades européias, já grandes metrópoles, hábitos e sentimentos muito singulares, como a terrível sensação de estar sozinho no meio de uma multidão. As pessoas dividem os espaços nas ruas, porém nem se olham, um efeito resultante da aceleração dos ritmos da população. Podemos dizer dessa forma que há uma desumanização das pessoas provocada pela correria típica das grandes cidades; já o moderno para os habitantes das cidades nortistas era caracterizado pelas marcas e símbolos provenientes dos grandes centros civilizadores que chegavam para mudar hábitos e costumes. Dentre estes símbolos da modernidade podemos destacar os equipamentos de conforto, como é o caso do cinema, maquinaria que foi muito propagandeada e decantada, especialmente pela elite letrada paraibana.

Diante disto a idéia não é meramente catalogar quais foram os cinemas que surgiram e desapareceram durante as primeiras décadas do século XX, ou quais foram os filmes mais recorrentes nas telas paraibanas, ou ainda quais os astros e estrelas preferidos pelo público, embora algumas dessas informações recebam nossa atenção no texto.

O que interessa é a construção de uma história do cinema na Paraíba, mais especificamente em Parahyba/João Pessoa e Campina Grande, mostrando como este equipamento moderno redimensionou o cotidiano dos habitantes destas

² ARANHA, Gervácio Batista. "Visões da modernidade urbana: A Experiência Nortista". IN: *Trem, Modernidade e Imaginário na Paraíba e região: tramas políticas-econômicas e práticas culturais (1880-1920)*. Doutorado em História, Unicamp, Campinas, 2001: 249-317.

idades na primeira metade do século XX. Com isso, no decorrer do texto observo e discuto como a população teve atitudes e comportamentos modificados com a chegada e a consolidação do cinema, levando em consideração que este equipamento foi apropriado e vivenciado de maneira diversa pelos moradores das duas cidades.

Esta discussão foi possível graças à pesquisa realizada em fontes escritas, como jornais e revistas de época, livros de memorialistas e crônicas de autores paraibanos que discutiram largamente o cinema na primeira metade do século XX. Isto aliado a uma bibliografia que tem como temática principal às cidades e questões a elas relacionadas, como a urbanização, reformas urbanas e o advento de equipamentos e símbolos do mundo moderno. A bibliografia utilizada trabalha espaços urbanos que vão desde a Europa, passando pelo Brasil, até a Paraíba, mais especificamente.

Além disso, utilizou-se uma bibliografia que trata mais especificamente do cinema, dialogando dessa forma com alguns estudiosos do cinematógrafo e como concebem a sua chegada e as transformações causadas por ele nos costumes e hábitos das pessoas. Esse movimento se faz interessante para que possamos perceber a multiplicidade de interpretações sobre o cinema; é uma oportunidade também de entrar em contato com a história do cinema de outras regiões, o que possibilita relacionar ou comparar a história do cinema na Paraíba com outros locais, observando as especificidades e as semelhanças do cinematógrafo local quando comparado às experiências cinematográficas de outros estados e regiões do país.

O roteiro, ou melhor, o trabalho, está dividido em partes como se fosse um filme que não tem heróis e bandidos, nem tem galãs e mocinhas, mas sim personagens reais e/ou fictícios numa saga que tem a seguinte sequência:

1ª Parte: 'Falem mal, mas falem de mim': o cinematógrafo no discurso da imprensa paraibana na primeira metade do século XX, na qual abordarei as opiniões dissonantes sobre o cinema, apresentando os discursos que são contra ou a favor, pois do mesmo modo que havia aqueles que defendiam o cinematógrafo, propagando suas qualidades de símbolo da modernidade, havia também aqueles que o viam como causador de vários males para a sociedade, como, por exemplo, as pessoas que consideravam o teatro à verdadeira arte, enquanto o cinema não passaria de uma invenção nociva para a cidade. Lembrando que havia ainda

aqueles que eram favoráveis à novidade, mas discordavam entre si quando a questão era um cinema de boa qualidade.

2ª Parte: **'Nem todo dia é dia de filme'**: as diferentes apropriações dos ambientes do cinema, onde discuto as diversas formas de utilização dos cinemas, destacando os habitantes que participavam desses ambientes com atitudes que iam de encontro aos padrões burgueses de civilidade, como as brincadeiras, as paqueras, a ação dos pedintes e os assaltos, o que transformava as casas de exibição em espaços vivos e de múltiplas possibilidades.

3ª Parte: **'Quem não anuncia...'**: a propaganda é a sua arma, onde mostrarei a relação entre espectadores e as propagandas - que passaram por grandes mudanças que foram acompanhadas, inclusive pelos donos das salas de exibição - que objetivavam atrair cada vez mais fãs da sétima arte, trazendo anúncios bem elaborados. Tais anúncios são em grande parte responsáveis pelas mudanças de hábitos e comportamentos da população que entra em contato com os filmes.

PARTE I: 'FALEM MAL, MAS FALEM DE MIM': O CINEMATÓGRAFO NOS DISCURSOS DA IMPRENSA PARAIBANA NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

Como já observamos, as cidades de Parahyba e Campina Grande, mesmo sendo as maiores do Estado, não eram grandes metrópoles, ao contrário, nem no Nordeste elas poderiam ser consideradas grandes centros urbanos. Tanto é assim que a cidade de Recife ocupava o posto de local de atração para a população das demais cidades da região.³ Este fato se explica porque as cidades paraibanas quase nunca eram as primeiras da região a contar com os equipamentos modernos provenientes da Europa, o maior modelo de civilização à época. A capital pernambucana era sempre a primeira a contar com símbolos vindos das chamadas cidades civilizadas do mundo burguês. Além disso, muito das relações políticas e econômicas das cidades paraibanas se davam com o Recife, o que deixava esta cidade na condição de centro polarizador da região. Com isto, cabia a João Pessoa e Campina Grande procurarem se modernizar para atingir ao menos o estágio da capital vizinha, conseguindo o máximo de maquinarias modernas.

Além do telégrafo, do telefone, da luz elétrica, dos bondes (seja de tração animal ou elétrico), o cinema não poderia deixar de ser um sonho, pelo menos de uma parte da elite letrada local que queria ver as cidades paraibanas como espaços modernos e civilizados. Assim, a imprensa paraibana revelou seu entusiasmo com relação à chegada do cinema, este sendo decantado como uma novidade da modernidade devido as suas qualidades técnicas, o que levaria o povo a desfrutar de ótimos momentos de diversão com o maior conforto possível. Ou seja, quando chegou um dos primeiros cinematógrafos a Campina Grande a elite letrada não perdeu tempo, foi logo comemorando a novidade. A propaganda dava conta de que Campina Grande passava a contar com um símbolo que era considerado um caminho para a civilização e o progresso, um aspecto muito positivo para a cidade.

Dessa forma, *O Campina Grande* de 07/03/1909, anuncia:

Cinema-Brazil

Estreou quarta-feira em nosso theatro este moderníssimo aparelho.

³ ARANHA, Gervácio Batista, op. cit., p. 253-255.

Com uma variedade de films esplendidos, de uma nitidez e clareza admirável, o Cinema-Brazil esta apto a proporcionar ao nosso publico noites agradabilíssimas.

Podemos, sem sustos de contradicções, afirmar que de todos os cinematographos que aqui se tem exibido, este é o melhor.

Contudo, o princípio de século XX foi uma fase incipiente do cinematógrafo paraibano, onde a população se encantava muito mais com a máquina e as imagens em movimento, que deviam ser nítidas e de boa qualidade, do que com enredos de filmes. Foi uma fase precária do cinema paraibano, uma fase itinerante, na qual o importante era exhibir às imagens em movimento independente das condições dos locais. Não é atoa que Epaminondas Câmara⁴ observou que o primeiro cinema a ser instalado em Campina Grande, em 03 de março de 1909, foi o "Cinema-Brazil": "no edifício do grêmio de instrução e funcionou até o ano seguinte". Ou seja este foi adaptado a um prédio que não havia sido construído para esse fim, mas que mesmo assim era digno de notoriedade, tanto da imprensa local quanto do escritor.

Na cidade de Parahyba, atual João Pessoa, a chegada do cinematógrafo não foi recebida com menos encantamento e entusiasmo. Ainda com exibições itinerantes, a exemplo de Campina Grande, o povo dessa cidade acostumou-se a presenciar as exibições das fitas nos mais variados ambientes, nas casas dos proprietários das máquinas, nos teatros, nos chamados cinemas poeiras; enfim, não importava o local, o que interessava era apresentar as imagens em movimento, superiores tecnicamente em relação às fotografias e outros similares.⁵

É interessante frisar que o cinema itinerante não foi um fenômeno apenas da Paraíba. O cinema itinerante foi algo que marcou todo o Nordeste, pois Raimundo Nonato Fonseca mostra que os espetáculos com o cinematógrafo em Salvador ocorreram de forma itinerante até o ano de 1909, quando definitivamente começou-se a construir salas de exibição fixas.⁶ Até aquele ano, observa o autor:

Poderíamos considerar essa a fase do "cinematographos de lona", graças ao seu caráter itinerante, o que lembra as exibições circenses. Assim como as primeiras companhias de circo, o cinematógrafo foi, no seu início mais uma atração das

⁴ CÂMARA, Epaminondas. *Datas Campinenses*. Campina Grande: Ed. Caravela, 1998:82.

⁵ LEAL, Wills. *O Discurso cinematográfico dos paraibanos (a história do cinema da/na Paraíba)*. João Pessoa, A União Editora, 1989:16.

⁶ FONSECA, Raimundo Nonato da Silva. *"Fazendo fita": Cinematógrafos, cotidiano e imaginário em Salvador, 1897-1930*. Salvador, EDUFBA-Centro de Estudos Baianos, 2002:84-89.

feiras livres, bem como foi incorporado as variedades de algumas companhias circenses (Fonseca, 2002:84).

Em Salvador o cinematógrafo e suas imagens fantásticas foram exibidos nos mais variados ambientes, desde teatros muito mal adaptados para esses eventos até os chamados cinemas poeiras que funcionavam em edificações precárias sem condições mínimas para a execução das fitas⁷; esses cinemas poeiras foram comuns também na cidade de Parahyba⁸, atual João Pessoa, e se proliferaram a partir da década de dez, freqüentados por boa parte da população que dividia suas atenções entre eles e as projeções exibidas no teatro.

A primeira apresentação que se tem notícia na capital paraibana data de 1897, em plena festa das Neves, até então o maior acontecimento festivo e religioso de uma cidade sem muitas opções de lazer. Mesmo o cinematógrafo surgindo vinculado a uma outra forma de divertimento, este causou grande impacto no cotidiano da população⁹.

Foi um assombro, algo muito mais revolucionário do que as seções da lanterna mágica, ou Cosmorama, que já eram coisas comuns nas calçadas da secular festa. Agora era uma ilusão nova, promovendo emoções mais fortes, com sua realidade mais objetiva. O sucesso, como em todo o mundo, foi geral (Leal, 1989: 15).

O cinematógrafo na capital paraibana mesmo itinerante despertou a atenção do povo. O primeiro a exhibir o espetáculo das imagens em movimento foi um italiano chamado Nicola Maria Parente, que logo cedeu lugar a novos donos de cinematógrafos, novas empresas que temporariamente se fixavam na cidade e promoviam grande movimentação, pois a população seguia entusiasmada para ver as seções¹⁰. E como constatou Leal, os jornais à época não pouparam elogios a este símbolo que tinha muito a acrescentar aos paraibanos, basta observar a nota do jornal *A união* de 23 de setembro de 1902:

Continua funcionando no Santa Rosa o esplêndido e muito importante "bioscope". Ante-ontem, foram exibidas esplêndidas

⁷ FONSECA, Raimundo Nonato. op. cit., p. 84-89.

⁸ LEAL, Wills. op cit., p. 16-22.

⁹ Cf. Idem., p. 15.

¹⁰ Cf. Idem.

fotografias de ruas e monumentos antigos da Europa. As vistas de ontem, que constituem a primeira parte, merecem os maiores elogios. O público deve comparecer, pois as funções são ótimas e é uma aproveitável diversão (Leal, 1989: 15).

Para a Paraíba, como para os demais estados do Norte/Nordeste, o cinema foi um importante marco, pois redimensionou e redefiniu opiniões e hábitos da população que passou a contar com uma novidade moderna que surge como alternativa a precária vida social dos paraibanos, além de ser algo que muito ajudaria a população a civilizar-se, segundo pensavam alguns. Sendo assim, grande parte da elite letrada, por ser a grande propagadora dessas idéias, anuncia o sucesso deste novo equipamento, tanto em Parayba/João Pessoa quanto em Campina Grande que vivenciaram de forma particular o advento do cinema.

Tendo passado esta fase de maior precariedade do cinema paraibano e com a proliferação dos cinemas fixos em Parahyba e Campina Grande, há uma mudança no conteúdo dos discursos das elites letradas. O cinema continua sendo algo fundamental, mas enquanto uns continuam decantando as suas qualidades, propagando que era uma empresa de sucesso que recebia filmes apontados como sucessos mundiais, com astros e estrelas famosos e produzidos por empresas milionárias, outros cobravam uma boa utilização e um funcionamento eficaz, inclusive discutindo sobre as qualidades dos locais de exibição.

Isto se deve em grande medida a própria evolução do cinema mundial, especialmente o hollywoodiano, que cada vez mais apresenta novidades e modelos de conduta que sugestionam mudanças no cotidiano das pessoas. Essas novidades são cada vez mais propagadas devido a uma poderosa máquina propagandística que cresce muito e faz com que haja uma cobrança cada vez maior no que se refere aos hábitos da população com relação ao cinema, aos ambientes e também sobre a qualidade das fitas¹¹. Ou seja, cada vez mais cresce a propaganda de hábitos e costumes que deveriam ser seguidos ou não pelas pessoas. E caso estas pessoas não obedecessem aos padrões de comportamento burgueses não poderiam ser consideradas civilizadas; como também caberia aos donos da empresa proporcionar um cinema de boa qualidade para a população.

¹¹ MENEGUELLO, Cristina. *Poeira de Estrelas: o cinema hollywoodiano na mídia brasileira das décadas de 40 e 50*. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 1996:11-17.

O cinema seria um ambiente de civilidade para pessoas modernas, porém quando nesses espaços algo não saia como deveria, ou seja, obedecendo aos padrões da modernidade e civilidade, característico do mundo burguês (tão decantados pelos letrados), logo vinham as críticas e as reclamações que recaem sobre a população paraibana que não sabia se comportar dignamente diante desta maravilha do mundo moderno. A imprensa local se esquecia, que a população não era uma massa homogênea e ia ao cinema com intuítos diferentes daqueles idealizados nos discursos.

Em uma matéria do jornal campinense *O século*, de 29 de junho de 1928, o colunista utiliza o termo “canalhismo”, apenas mais um adjetivo que era assacado contra os freqüentadores dos cinemas que não se comportavam, insultando os demais espectadores, considerados civilizados. E o interessante é que o letrado pede a ação da polícia para acabar com a falta de educação dos “canalhas” que não respeitam as normas de comportamento.

Ainda nesta civilizada terra de Campina Grande, vesos de sua gente, que precisam ser concertados se não reprimidos a bem do nome da cidade.

Exemplo: a assuada que os freqüentadores do Fox e as vezes do Apollo, promovem quando são levados nesses estabelecimentos de diversões filmes de barulho no farwest, ou fitas cômicas de certos atores celebres, porém, já cacêtissimos.

Diante desta barbaridade, é enfático:

A policia que ali assisti sorridente e bem instalada as tropelias do fuão Tom Mix e outros menos inócuos desordeiros da tela, deve dar psits enérgicos e vigorosos, afim de acabar com essa molequice da platéia daquele excellent casino da rua Maciel Pinheiro.

As críticas sobre a má utilização do cinema e seu bom funcionamento não recaia apenas sobre a população que não se comportava bem. Os ambientes também eram criticados se não seguissem alguns padrões. Quanto a isto, pode-se destacar as críticas feitas pelo cronista Cristino mentel, um letrado autodidata que interveio e opinou sobre diversos temas na cidade de Campina Grande durante boa parte do século XX. Em uma de suas crônicas da coluna “Cousas da cidade”, faz um

apelo exacerbado para que não mudassem o nome do Cinema Apollo, para ele uma casa de diversão que não podia ser chamado de Cine para todos: “um nome que não exprime uma forma elegante e étnica (sic) e sim banal e oca” (Pimentel, s.d, s.p). Tal idéia está completamente em sintonia com o pensamento que os letrados esposavam em relação ao cinema, um equipamento civilizador que não poderia perder sua importância, mesmo no nome.

Pimentel levanta ainda o problema da falta de divertimento em Campina Grande que, a exemplo de João Pessoa, era muito precário. Isto na visão do autor era inadmissível, pois a cidade contava com uma ótima vida comercial e só. Então a cidade: “tem azas mais não se lembra de largar o espaço azul do ideal que é a perfeição do espírito. O amor a arte e a beleza” (Pimentel, s.d, s.p). Estas críticas recaíam sobre os cinemas que não tinham estrutura para o padrão de uma cidade como Campina Grande, tão forte no comércio, porém deficitária no que se refere a um equipamento tão importante para a civilização: “Tem dois Cinemas, Para todos, nome sem significação e oco como os paus que o cupim abandonam ou sem som como uma moeda rachada, e o Capitólio, que entre nós passa por cinema de primeira classe por que em terra de cego quem tem um olho é rei”.

A insatisfação de Pimentel com o cinema aparece mesmo quando ele afirma que este é algo habitual para a população. Hábito que é descrito pelo próprio Pimentel na coluna “Coisas da cidade” do jornal *O Rebate* de 28 de abril de 1950.

Ontem, Alexandre, dei um empurrão no meu habito de ledor, puz para lá o meu volume de Goethe, e fui assistir o filme “A tomada da Bastilha”, que o Capitólio, cinema da segunda classe, mas que satisfaz pela metade as exigencias dos seus habitues, estava exibindo.

O interessante é que este crítico das condições dos cinemas campinenses, apesar de não se conformar com os cinemas de segunda classe, observa que estes satisfaziam aqueles que não mais concebiam a cidade sem aquela forma de divertimento, o que reitera a idéia de que os moradores incorporaram o cinema ao seu cotidiano, seja como forma de lazer e divertimento, seja como símbolo capaz de civilizar a população.

Na cidade de Parahyba havia letrados que cobravam também um cinema condizente com os padrões de modernidade que a cidade deveria seguir. Na nota da

revista *Era Nova*¹² da edição do dia 01 de maio de 1922, tem uma coluna intitulada “Quinzena Rimada”, onde um colunista de forma provocativa faz versos sobre os mais variados assuntos da cidade, inclusive sobre o cinema:

É forte tortura extrema,
Funda agonia infinita
Ver-Parahyba-um cinema,
Que apenas mostra uma fita

Nesta irônica estrofe o autor mostra a sua insatisfação com a precariedade de um determinado local, que não conseguia sequer colocar fitas novas em exibição para a apreciação do público, ou seja, este cinema que ele não especifica qual é, não está funcionando dentro dos preceitos de uma cidade civilizada.

As opiniões dissonantes sobre o cinematógrafo, às várias maneiras de apreendê-lo, contam ainda com um grupo que desconfiava deste invento e fazia oposição ferrenha à sua presença nas cidades paraibanas. Fonseca¹³ ao falar sobre o cinematógrafo soteropolitano, observou que na capital baiana aconteceu algo semelhante à oposição que alguns letrados faziam a este invento na Paraíba. Em Salvador, o autor observou que existiam aqueles que viam o cinema, ou pelo menos o “mau cinema”, como uma diversão imoral capaz de destruir importantes regras de sociabilidade. O cinema teria sido para seus críticos um mal que assolava a família baiana, que podia deixar a sociedade contaminada por vícios contraídos pelas fitas ruins; o cinema instigaria a violência e ao crime, colocaria idéias erradas na cabeça das moças, como por exemplo, modas que corromperiam a sociedade.

Historiadores, juristas e educadores faziam severas críticas, não o vendo como uma diversão moralmente saudável para moças, rapazes e crianças. Segundo seus opositores, o cinema não contribuía para o desenvolvimento artístico e intelectual do ser humano. Em sua visão o cinema seria a “casa dos vícios” e “das perdições”, “a nova escola do sensualismo”.(Fonseca, 2002:179).

Na Paraíba o cinema foi acusado de não trazer benefícios para a sociedade, pelo contrário, houve quem achasse que este deveria ser evitado pela população.

¹² Revista de artes famosa na Paraíba na década de vinte, que ajudou na propaganda do cinema para que este se tornasse cada vez mais influente sobre a população paraibana.

¹³ FONSECA, Raimundo Nonato, op. cit. , p. 179-195.

Vejamos o caso do jornal *A Imprensa* da capital paraibana, que serve de contraponto a todo entusiasmo dos demais letrados em relação ao cinema. Este jornal de orientação católica procura servir de guia espiritual para os seus leitores, desaconselhando aquilo que fosse ofensivo aos seus ensinamentos, colocando-se contrário a algumas formas de divertimento, inclusive o cinema. Havia um grande temor de que o cinema pudesse agredir a moral da sociedade, que pudesse ser prejudicial às famílias paraibanas. Ou seja, tinha-se o receio de que pudesse dissolver costumes e hábitos que eram decantados pela moral católica como corretos para a população. Tanto é assim que a edição de 19 de agosto de 1912 avisa que os idealizadores do jornal serão:

Infesos às fitas cinematographicas que exibem mais commumente em certos cinemas porque julgamol-as prejudiciais ao pudonor da famílias de mais delicados sentimentos e reconmmendável educação moral...

Além dos letrados católicos, algumas instituições também viam um perigo inerente às salas de exibições. Tanto que o jornal campinense *Voz da Borborema* na coluna “Vida Forense” de 09 de março de 1938, traz a seguinte informação:

O Dr. Juiz de direito baixou uma portaria ao sr. Gerente dos cinemas “Capitolio” e “Para Todos” desta cidade, recomendado, antes de qualquer outra medida, que não permitisse nas representações noturna, entrada a creança de menos de 5 anos de idade e que fossem proibidas aos menores de 18 annos em geral, as fitas que lhe passam ser prejudiciaes por excitar-lhes instintos maus ou doentios, tudo no art 128 do código de menores.

E mesmo tendo passado quase meio século ainda havia quem só visse no cinema uma má influencia capaz de destruir a sociedade; na edição da revista *Manaíra* de maio e junho de 1949, na coluna intitulada “Salvemos a Mocidade”, a colunista Eunice Ferreira critica a postura dos jovens que não estão em comunhão com os ensinamentos religiosos e convoca a todos a virarem “apóstolos divinos”, esquecendo os aspectos ruins da sociedade.

A falsa ciência ateia e o materialismo evolucionista invadem a escola moderna, e a sociedade despudorada. Ocorrem ainda o

cinema desmoralizante, o rádio aliciador, a má imprensa, desde os sertões da nossa terra, ao espetáculo infamante das praias brasileiras.

No que se refere a estas questões, quem levanta um interessante aspecto que preocupava e muito as elites letradas é Antônio Clarindo Barbosa de Souza¹⁴, que mostra como moradores campinenses mudaram seus hábitos a partir do cinema e de seu poder de encantar. Ele observa que muitos foram aqueles que confundiram a realidade com o mundo fictício das fitas; muitos pensaram poder fazer da sua vida um filme, podendo reviver as aventuras, os romances e todos os acontecimentos extraordinários existentes nas películas. Diante disto, tinha-se o receio que as pessoas abandonassem os seus comportamentos e hábitos tradicionais, o que seria desastroso para os códigos morais da sociedade.

Em consonância com esses discursos, o colunista chamado M. Figueiredo que escreveu para a revista *Manáira* de dezembro de 1939, mostrou a sua preocupação com relação aos comportamentos que mudavam devido à introdução do cinema e de todas as maravilhas que ele propagava. Segundo Figueiredo:

Outra vez, quando voltava do cinema com um amigo, ele, dando a razão de seu repentino mau humor, confiou-me que estava comparando a sua existência com a vida de um galã milionário que vira na tela.

Conheço o caso da moça que rompeu com um rapaz de intenções sérias - eram mesmo sérias - por um motivo profundamente razoável: - o tipo dela era Clark Gable.

Daí ele conclui: "Confesso sinceramente que nunca me ocorreu a idéia de escrever uma utopia. Mas, se chegasse a tal asseguro que lá, na minha cidade, não permitiria o cinema. O povo sonharia menos. Seria menos infeliz."

Outra questão interessante sobre as opiniões dissonantes em torno do cinema, é que segundo os inimigos deste, um dos problemas trazidos para a sociedade foi o declínio do teatro, que perdeu espaço frente à ascensão do cinematógrafo. Os críticos da sétima arte não se cansavam de desprezar o lado artístico do cinema, afirmando que o teatro era algo infinitamente superior; sendo

¹⁴ SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa. "A cinematografização do cotidiano: O cinema e o cotidiano dos campinenses" IN: *Lazeres permitidos, prazeres proibidos – Sociedade, cultura e lazer em Campina Grande (1945-1965)*. Doutorado em História, UFPE, Recife, 2002:251-285.

assim, era inconcebível o teatro ter dado lugar ao cinema na preferência da sociedade.

Em Salvador, Fonseca¹⁵ fala da crítica ao cinema por parte dos amantes do teatro; ele observa como alguns setores da elite letrada baiana representavam o cinema como o algoz de uma arte maior, arte que elevaria o espírito humano, educava e civilizava a população, ao contrário do que acontecia com o cinematógrafo. Tal crítica ao cinema também foi observado por Leal¹⁶ com relação a João Pessoa, que, apesar de contar com apenas um teatro (Santa Roza-1889), tinha pessoas que se incomodavam com a ascensão do cinema em detrimento do teatro; questão ilustrada por este autor ao discutir a chegada do cinema falado na capital paraibana, que ocorreu justamente no Santa Roza, que tinha a função de Cine-teatro. Então, se apropriando das palavras de insatisfação do jornalista José Leal Ramos em relação ao cinema, comenta:

(...) Casa de tantas tradições, palco de acontecimentos de um tanto relevo, viu-se um dia degradado a triste condição de cinema, ficando a cidade privada por longo tempo do único recinto onde podia receber as companhias que vinham do Norte do país e quando, enfim o cinema foi retirado, constatou-se que o prédio ameaçava ruir devido à falta de conservação (...) (Leal, 1989, 31).

A insatisfação com a ascensão do cinema também circulou pelas revistas de arte que teriam normalmente a incumbência de elevar as qualidades do cinematógrafo, já que na nota "Teatro Amador" da revista *Manáira*, edição de dezembro de 1944, o autor lembra a importância deste teatro que foi desaparecendo na Paraíba, algo lamentável para a cultura do Estado; as cidades paraibanas nunca tiveram grande tradição no que se refere ao teatro, diferente da capital pernambucana (Recife), que contava com afamadas temporadas no "Santa Isabel"¹⁷. Diante desta perda, o colunista José Leal aponta um dos motivos para o declínio dos espetáculos amadores:

¹⁵ FONSECA, Raimundo Nonato, op. cit., p. 179-180.

¹⁶ LEAL, Wills, op. cit., p. 31-33.

¹⁷ ARANHA, Gervácio Batista. op. cit., p. 256-260.

(...) O cinema contribuiu para estilizar o ambiente, provocando a decadência do amadorismo, enquanto a indiferença do público pelo teatro de amadores ia arrefecendo igualmente o entusiasmo pelas representações dos conjuntos profissionais. (...)

A discussão suscitada em torno do declínio do teatro frente ao cinema, também aparece no texto de Roberval Santiago¹⁸, que trata do cinematógrafo pernambucano. Neste trabalho Santiago também observa que não faltaram defensores e acusadores do cinema, que vinha ganhando espaço na sociedade pernambucana. O interessante nesta discussão é a posição do autor sobre a defesa exacerbada do teatro por parte de alguns letrados. Para ele, esta questão mostra o universo cultural elitista à época, revelando que o cinema era freqüentado nos seus primeiros tempos pelas camadas populares, para só depois atingir as camadas mais abastadas.

Este é um aspecto que não pode ser sentido com tanta clareza quando se discute sobre o fenômeno do cinematógrafo paraibano, já que, em Parahyba e principalmente em Campina Grande, o cinema desde o seu início foi freqüentado pela elite; embora Leal¹⁹ afirme que nos primeiros tempos o espetáculo cinematográfico na capital era visto como uma diversão menor, informa que o ingresso para se assistir a uma fita era quase a metade do preço de uma peça teatral. A Paraíba não contava com o grande número de divertimentos e movimentos artísticos e não tinha tradição quanto ao teatro, o que quase obrigava não só os populares a se encaminharem para as exhibições, mas também o público mais abastado, que via no cinema uma nova saída para a completa estagnação das formas de lazer e divertimento e de uma vida noturna. Tanto que Leal também observa:

E a festa das Neves neste final de século, teve, com o aparecimento do cinema, novos motivos para até a chegada da nova festa, em 1898, sair do seu lugar comum, pois as peças teatrais “eram poucas e ruins” e não havia outro divertimento, a não ser as novenas, algum aniversário e, esporadicamente, uma excursão a praia de Cabedelo” (Leal, 1989:15).

¹⁸ SANTIAGO, Roberval da Silva. *Cinematografo Pernambucano: a jornada da transgressão, do sonho e da sedução*. Dissertação de Mestrado, Recife, 1995, 134 p.

¹⁹ LEAL, Wills. op. cit., p. 15.

Se em Parahyba que contava com um teatro até certo ponto com boas condições para as companhias teatrais e para o público, o cinema surgiu como alternativa à precária vida social da população, inclusive a elite, em Campina Grande os motivos para comemoração ainda foram maiores. Apesar de sempre procurar rivalizar com a capital e as demais cidades pelo status de maior cidade paraibana, Campina se ressentia da falta de uma casa de espetáculos que pudesse suportar grandes eventos, como temporadas teatrais.

O primeiro prédio a ser construído com esta finalidade foi o Grêmio de instrução, onde hoje funciona o colégio Alfredo Dantas; a sua construção teve início em 1890 só ficando pronto alguns anos mais tarde, por volta de 1899²⁰; o Grêmio de instrução surgiu para, entre outras coisas, ensinar aos interessados as artes teatrais e por muito tempo foi o local que os campinenses conheceram como teatro. Situação que continuou por muitos anos, o que deixava setores da sociedade inconsoláveis, principalmente uma parcela da elite letrada, como foi o caso do colunista Silvério, que escreveu o seguinte reclame para *O Campina Grande* de 07 de fevereiro de 1909:

Nossa terra atravessa ultimamente uma epocha de tristezas.
Não fosse a troupe que agora faz as noites em nosso modesto teatro nada havia que despertasse uma nota de satisfação.

Embora o campinense quisesse presenciar boas peças - algumas vezes pela cidade passavam boas companhias – eles ficavam impossibilitados; primeiro, devido à falta de boas condições dos ambientes e, segundo, por causa do medo que a população tinha de assistir as apresentações de qualidade duvidosa que sempre passavam pela cidade, ou seja, quando se falava em apresentações teatrais, pensava-se com certo cuidado antes de ir assistir. É o que nos mostra a nota de 04 de julho de 1909, também do jornal *O Campina Grande*:

Quinta-feira, dia de S. João, fez estrea em nosso theatro a correta troupe Candida Palacio.
O publico desta cidade, apanhado por uns tantos mambembeiros que, de quando em vez, aqui apparecem a exploral-o, esquivou-se de assistir o (Deus e a Natureza) drama escolhido pela premier.

²⁰ CÂMARA, Epaminondas. op. cit., p. 64.

A elite campinense não presenciou um período de grande tradição teatral na cidade, pelo menos antes do advento do cinema e mesmo após a sua chegada o teatro em Campina Grande não conseguiu arrebatara muitos fãs que viessem posteriormente execrar o cinema como grande responsável pelo seu declínio, ou se esquivassem de ir as apresentações cinematográficas em respeito a uma arte superior, que não tinha grande ressonância sobre a sociedade. Mesmo porque, posteriormente, os teatros campinenses foram em grande medida cine-teatros, ou seja, não surgiam independentes, dividindo o espaço com os espetáculos cinematográficos. Foi assim com o Grêmio de instrução que depois foi palco do primeiro cinema campinense, o "Cinema Brazil"; foi o que aconteceu também com o Cine-teatro Apollo, construído em 1913 na rua Marciel Pinheiro, que teve seu ambiente como testemunha por muitos anos de peças teatrais e exibições de filmes²¹; enfim, o teatro não conseguiu envolver tanto a população de Campina Grande a ponto dela menosprezar o cinema que mesmo na sua fase mais precária fez sucesso entre os vários segmentos da sociedade.

Dessa forma, o cinema, além de ser um centro de civilidade, era uma opção muito interessante para as camadas elitistas, que precisavam desse local para a sua diversão e práticas de sociabilidade.

Com o que foi explicitado nesta discussão fica expresso a multiplicidade de opiniões e percepções sobre o cinema que caracterizava as duas cidades, marcadas pela heterogeneidade de uma população que vivencia as mudanças de maneira particular, conforme as suas experiências. Exemplos significativos dessas visões múltiplas sobre a cidade são aqueles relacionados à chegada e a instalação do cinema na Paraíba, pois a forma de se apropriar e conceber o cinematógrafo foi diversificado conforme as pessoas que analisavam e/ou vivenciavam o advento deste ícone moderno.

Tanto é assim que os letrados discordavam sobre a importância do cinema e o seu discurso, que estabelecia determinados padrões de civilidade com relação ao seu uso, não era seguido, pois a população não se prende aos modelos de comportamento que pretendiam criar, ao contrário, se utiliza do cinema e dos diferentes territórios e espaços da cidade como melhor lhe convém. As diferentes formas de se utilizar dos ambientes de exibição serão o tema da próxima parte, onde

²¹ ARANHA, Gervácio Batista. op. cit., p. 268.

observaremos uma população que não ia aos cinemas apenas para assistir aos filmes.

PARTE 2: 'NEM TODO DIA É DIA DE FILME': AS VÁRIAS APROPRIAÇÕES DOS AMBIENTES DO CINEMA

Quando o cinema surgiu no final do século XIX como mais um elemento decorrente do incessante progresso científico pelo qual passava a Europa, certamente não se imaginava que ele pudesse evoluir de forma tão marcante para o restante do mundo, modificando e redimensionando lugares e sociedades distintas. Talvez nem os irmãos Lumière, nem o mais perspicaz observador conseguisse antever as proporções que mais um invento característico do mundo moderno alcançaria nos países nos quais chegou, revolucionando o cotidiano das pessoas. Mas a verdade é que desde 28 de dezembro de 1895, data da primeira projeção pública do cinematógrafo Lumière, no salão indiano do Grand Café, no bulevar Capucines em Paris, a nova invenção causou um grande sucesso na sociedade francesa.²²

A exibição das imagens em movimento atraiu uma verdadeira multidão curiosa, apesar de ser ainda a fase inicial do cinematógrafo, manuseado de maneira quase artesanal se comparado as posteriores máquinas que exibiam imagens nítidas e eram dotadas de aparelhos sonoros que revolucionaram a arte cinematográfica, produzindo o cinema falado. Nesta fase inicial Auguste e Louis Lumière rodaram várias películas e, com isso, expandiram seus aparelhos, os filmes e os espectadores. Em troca, recebiam cinquenta por cento da receita dos espetáculos.²³ A partir daí o cinema se espalhou de forma irreversível não só pela capital francesa, mas também pelo restante do mundo, chegando inclusive a Paraíba.

As pessoas que se encaminhavam para assistir as projeções no início das exibições cinematográficas em todo mundo, iam atraídas pela curiosidade em ver as fotografias que se movimentavam como se fossem elementos vivos ou frutos de uma mágica. Além disso, para locais como a Paraíba - um universo totalmente diferente da França, um dos maiores centros urbanos à época - só o fato de contar com um invento dos países modernos já era algo muito sedutor para a população que queria

²² MOCELLIN, Renato. "Cinema e história: fundamentação teórica". IN: *O cinema e o ensino da história*. Curitiba, Nova Didática Editora, 2002;7-8.

²³ Idem.

testemunhar uma maravilha do progresso tecnológico. Ou seja, no primeiro momento, apenas a máquina já era motivo de atração para o público local.²⁴

Mas à medida que o cinema evoluía e se integrava à sociedade paraibana, a população já habituada ao fenômeno das imagens em movimento e posteriormente acostumada com os filmes que traziam seus enredos, utilizava as casas de exibição e os seus arredores para outros objetivos e não meramente para assistir as produções cinematográficas, ou seja, o cinema integrado a sociedade paraibana influenciou as práticas sociais e culturais de uma parte significativa da população que fez os mais diversos usos dos espaços nos quais estavam presentes os cinematógrafos.

As mudanças acarretadas pelo cinema foram sentidas não só na Paraíba; em Pernambuco a sua instalação influenciou as práticas sociais, inclusive criando novas práticas profissionais, políticas e culturais.²⁵ Muitos foram os trabalhadores que puderam ser aproveitados no âmbito da produção e realização dos filmes; surgiram roteiristas, cenógrafos, fotógrafos, como também se abriu espaço para o aproveitamento de músicos que tocavam durante as exibições de filmes mudos; crescimento dos serviços gráficos, como cartazes, panfletos e o surgimento de um jornalismo especializado, como também a proliferação das revistas.

Em Parahyba, atual João Pessoa, também ocorreu fenômeno parecido, tanto que Leal lembra-se das orquestras musicais, que ele comenta da seguinte maneira: “Nesses primeiros anos, quando o cinema ainda não tinha voz, uma contribuição excepcional dos paraibanos a ele se deu através dos músicos, das tradicionais orquestras, que tanto êxito conseguiram até mesmo depois dos anos trinta”.²⁶

O interessante é que estes músicos, que forneciam a trilha sonora dos ambientes do cinema, não estavam apenas dando sua contribuição para um bom funcionamento dos ambientes de exibição; estes profissionais estavam se aproveitando das oportunidades trazidas pela instalação do cinema, exercendo uma das novas formas de trabalho que surgiu com o cinematógrafo. Dessa forma, pessoas como: “Fernando Trigueiro, Camilo Ribeiro dos Santos, Martha Pacheco, Carlinhos”²⁷ e muitos outros que tiveram grande importância para as sessões

²⁴ ARANHA, Gervácio Batista, op. cit., p. 254.

²⁵ SANTIAGO, Roberval da Silva. op. cit.

²⁶ LEAL, Wills, op. cit., p. 28.

²⁷ Idem.

durante as primeiras décadas do século XX, fizeram parte de um grupo de pessoas que encontraram no cinema um novo campo para desenvolver seus talentos.

Os cinemas em Campina Grande também foram palcos de filmes que tiveram as trilhas sonoras produzidas de maneira improvisada pelos os artistas que animavam as exhibições. Estes artistas compunham músicas no intuito de agradar cada vez mais os espectadores que se encaminhavam para as sessões dos cinemas locais. Um esforço que era reconhecido e elogiado pela imprensa, tanto que *O Século* de 25 de agosto de 1928 na nota: “A arte de uma vocação anonyma”, comenta: “O festejado compositor Aducto Bello, regente da orchestra do Apollo, executará amanhã durante a primeira parte do film a ser levado naquelle casino, a sua valsa das illusões”.

Outra prática profissional que foi aproveitada pelos cinemas paraibanos foi à atuação de pintores, ótimos artistas gráficos, que produziram cartazes para as propagandas e anúncios das sessões cinematográficas que aconteciam nas cidades;²⁸ estes artistas utilizaram o cinema para exercer sua profissão, já que o sucesso dos ambientes de exibição e dos filmes que passavam nas cidades também dependia da atuação de uma série de profissionais, como foi o caso dos pintores e os seus cartazes. Tanto que Leal comenta:

Nossos pintores, quase todos já falecidos, constituindo-se numa honrosa exceção seu Gabriel, Gabriel Arcanjo de Araújo, Eriberto Magalhães e Rivaldo Magalhães, davam ajuda local, própria para que o cinema ultrapassasse os limites da sala de projeção, apresentando cartazes que eram verdadeiras obras primas. (...) Um, realizado quando a cidade já contava com dezenas de cinemas, *E O VENTO LEVOU*, e *Pintado por Gabriel*, ainda hoje vive na recordação da alma do pessoense (LEAL, 1989:28).

O cinema aproveitou ainda a utilização de jornalistas que, por sua vez, se especializaram em comentar aspectos referentes à sétima arte, criando uma nova prática profissional. Ou seja, uma parte da elite letrada paraibana usou o cinema como tema de seus comentários, seguindo um movimento característico de todo o país onde se proliferaram uma série de revistas de arte. Dentre estas revistas, destaca-se a criação da *Era Nova*, uma revista que mesmo não sendo específica para o cinema, trazia uma coluna como “Echos da arte”, a fim de informar a

²⁸ LEAL, Wills, op. cit., p 28.

população sobre os acontecimentos relacionados ao cinematógrafo.²⁹ Um outro exemplo de revista de arte que circulou durante a primeira metade do século XX, contando com uma série de profissionais que tinham como um dos seus objetivos tecer comentários sobre cinema, foi a *Ilustração*, que circulou na Paraíba na década de trinta. No primeiro número desta revista, que circulou no dia 15 de abril de 1935, na coluna chamada “De Cinema”, lê-se o seguinte:

“*Ilustração*”, interessando-se em bem servir aos seus leitores manterá, a contar deste número, uma página de cinema, fartamente ilustrada de “clichês” com noticiário sobre os grandes “films” a ser focados nos casinos desta capital.

Foram muitas as apropriações do cinema. No que se refere à política, o cinematógrafo em várias partes do mundo foi utilizado como meio de propaganda, pois logo se descobriu o seu poder de convencimento. O primeiro país a utilizar o cinema para este fim foi a Alemanha Guilhermista, durante a primeira guerra mundial; no Brasil os governos de Rodrigues Alves e Hermes da Fonseca foram os pioneiros neste artifício. Em Pernambuco o primeiro a utilizar o cinema como meio de propaganda foi Sérgio Loreto, então governador do estado na década de dez; lá, como em outras partes do Brasil, discursos políticos de modernização e higienização foram vinculados aos cinejornais, como forma de propagar as qualidades dos governantes.³⁰

Na Paraíba não consegui indícios de que o cinematógrafo tenha sido utilizado para exibir propagandas políticas, porém o cinema era algumas vezes decantado como a realização de uma determinada administração, tanto que há matérias de jornais vinculados aos governos que tratam a criação do cinema educativo como uma obra dos governantes paraibanos. É o caso de *O Rebate*, que como a maioria dos jornais à época, tinha um vínculo estreito com os governantes. Dessa forma ele sempre procurava exaltar a competência do governante de plantão. Tanto que em uma nota de 04 de outubro de 1943, retirada de um relatório oficial da prefeitura, o jornal procura mostrar a competência dos administradores locais, a partir de mais uma de suas obras.

²⁹ LEAL, Wills, op. cit., p. 28-29.

³⁰ SANTIAGO, Roberval da Silva, op. cit.

Cinema educativo municipal

A criação de um cinema educativo, em outubro do ano passado tem despertado gerais simpatias, principalmente por parte da população rural, que vem recebendo como um acontecimento extraordinário. Cada exibição, no campo ou nos bairros operários, constitui verdadeira festa, atraindo pessoas de lugares distantes.

Até agora já foram realizadas 79 exibições públicas, com 71 películas diferentes.

Estar o Cinema educativo equipado do material necessário: projetor sonoro, motor elétrico, "pick" "up", discos, microfone e alto-falante.

A filмотeca do município vai sendo cuidadosamente enriquecida.

É interessante observar nesta nota como a função do cinematógrafo mais uma vez ultrapassa a sua característica de divertimento moderno, tornando-se algo decantado como indispensável para a educação de uma sociedade. O cinema é tido também como uma grande realização do governo, pois ele ajuda a educar uma população carente também neste aspecto.

Outro aspecto interessante é que o cinema, além de servir de espaço de trabalho para muitas pessoas que usavam os ambientes cinematográficos como os locais de seus sustentos, era um espaço muito utilizado para as brincadeiras e as algazaras de alguns freqüentadores que pouco se importavam com o que estava acontecendo na tela. As posturas e atitudes de funcionários e espectadores causavam muitas vezes situações cotidianas de diversão e tensão, que mostram os cinemas como ambientes marcados pela multiplicidade de usos. Na memória "O porteiro era tubarão"³¹, encontramos uma apologia ao porteiro do Cine Capitólio. Nesta memória, ao mesmo tempo em que descreve a diversão das pessoas em uma tarde de domingo campinense, o autor mostra o quanto era difícil à vida de porteiro diante do comportamento dos freqüentadores do cinema, que estava muito longe do que pregava o discurso civilizador de uma parte da elite letrada.

Tarde de domingo. Do bolso da calça curta puxa o ingresso, mergulhando no mundo de aventura e emoção da "matinée" do Capitólio. Aviões cruzam ar, fazendo piruetas sobre a cabeça do menino cheio de espantos.

Cascas de amendoim, papel de bombons. Gritos, assovios, troca de tapas, berros de "é pra hoje!" "Tubarão!" procurando

³¹ MARIA FILHO, Francisco. *Crônicas*. p. 45-46.

fugir do barulho, muitos tapavam os ouvidos com as mãos”.
(MARIA FILHO, s. d. p.45-46).

O porteiro era uma vítima indefesa das algazarras dos frequentadores que se divertiam muito mais com as brincadeiras do início da sessão do que com os filmes, mas esta festa acabava com a presença do gerente:

De repente um aviso, uma senha, a pular de cadeira em cadeira: “lá vem o seu Getúlio!” Silêncio. Até os pequenos aviões suspendiam os vôos, recusando deixar suas bases. A anarquia a morrer na garganta. (...) O “puxavante de orelha” antes da lição de moral: “cafejeste, moleque atrevido, pra fora!” O dedo enorme apontando o caminho da saída. O anarquista na pracinha, perdido o terceiro capítulo da série “Flasch Gordon no Planeta Marte”. Perdido os quinhentos réis do ingresso.

Os ambientes cinematográficos deveriam ser lugares apenas de sociabilidade e diversão, onde pessoas civilizadas, segundo os padrões burgueses, iam ter momentos de lazer. Ou seja, a função do cinema seria levar entretenimento de boa qualidade para uma população que se queria moderna e civilizada. Esse pelo menos era o desejo de uma parte da elite letrada paraibana, que não concebia o cinema de outra maneira. Contudo, parte da população não se interessava com regras de conduta e usava os cinemas para outras diversões.

Nem todo mundo tem saudades das bagunças no cinema, uma parte dos jornalistas paraibanos criticava os comportamentos nos cinemas. O *Momento*, um importante jornal campinense que circulou na década de 1950, trazia constantes denúncias sobre esses comportamentos, o que fornece indícios de como era que algumas pessoas da sociedade se relacionavam com as casas de exibição à época. É um exemplo ilustrativo de como boa parte dos jornais estava preocupado com uma parte da população que não tinha grande interesse pelos filmes e pela função civilizadora do cinema. Tanto que em uma nota de 24 de setembro de 1950, fica explícito algumas das atitudes da população que eram repudiadas pelo jornal:

A molecagem em Campina Grande é uma verdade incontestável. Nas ruas, nos bilhares, nos bares, nos campos de futebol – em todo lugar. Nos cinemas, porém, a molecagem toca às raias da indecência, com gestos e palavras obscenas. As famílias vão pouco a pouco deixando de frequentar as nossas

casas de exibições cinematográficas. Soubemos que a polícia vai tomar providências sobre o caso.

As bagunças comuns nas salas de exibição da Paraíba, também eram uma característica dos cinemas de outros lugares do Brasil. Em Salvador, Fonseca³² elenca um número significativo de distúrbios causados por pessoas que não se interessavam tanto pelos filmes. E de forma semelhante à Paraíba, a imprensa soteropolitana pedia a ação das autoridades para coibir maus comportamentos nas salas de exibição. E não podia ser diferente, já que o próprio autor observou que “Uma diversão que atraia um público tão diversificado, para um espaço físico de certa forma pequeno, favorecia episódios de várias naturezas”.

Diante disto, apesar da insistência dos letrados, seja em Salvador ou na Paraíba, as algazaras continuaram para a diversão de uns e o desespero de outros.

Mas os assovios, os gritos, as guerras com papéis não foram às únicas formas de comportamento nos cinemas criticados pelos letrados à época. Não resta dúvida que muitas pessoas levavam muitos de seus hábitos para as salas de exibição; os letrados iam ao cinema analisar os ambientes, os fumantes não deixavam o vício do lado de fora, as crianças e os jovens não perdiam a oportunidade de provocarem alguma bagunça e muitas mulheres não dispensavam roupas com bastante acessórios para mostrar sua elegância. Contudo, os “maus hábitos” levados para os cinemas na maioria das vezes eram sementes para confusões que, pelo menos por um instante, redimensionavam a função daqueles ambientes. Na revista *Ilustração* de 15 de março de 1936, há um comentário sobre uma confusão causada por um mau hábito no cinema.

Quando as três matronas se sentaram, seus volumosos chapéus uniram-se, ocultando a tela a vários habitues. Creio que se trouxessem saccas de lã em vez de chapéus não causariam mais incomodo. Só havia duas alternativas aos prejudicados. Ou permanecerem no cinema, sem ver a tela, ou a retirada. Por esta última optou logo um velhote baixo de óculos, que estava imediatamente atrás da muralha. Seu exemplo não foi seguido. Todos pereciam resignados.

Começa o filme. Alguns olhares voltam-se para as gorduchas. Um homem que levantara do seu lugar pediu delicadamente que elas tirassem os chapéus. Estabelece-se a discussão. Forte

³² FONSECA, Raimundo Nonato da Silva. op. cit., p. 137-138.

ninguém atentava, agora, na tela. Accendeu-se a luz. As três matronas bombardeavam o senhor de insultos. Elle os repellia. O guarda não sabia como intervir. Foi chamar o empresário.

- “O senhor comprehende... são mulheres... deveres de cavalheiros para com as damas...”.
- Mas explique-me por favor em que se funda o direito das mulheres conservarem o chapéu, enquanto os homens o retiram. Eu assim que cheguei aqui tirei o meu. Elle é seis vezes menor que o dessas senhoras...

O homem terminou sahindo...

São esses casos que transformam o cinema em ambientes tão cheios de surpresas, pois, segundo a matéria acima, quem foi ver o filme acabou ganhando de presente uma divertida confusão.

Um outro problema que incomodava bastante os letrados e boa parte da população era a atuação dos pedintes que utilizavam os arredores dos cinemas para exercer sua prática. Era um outro grupo de pessoas que não utilizava os ambientes dos cinemas meramente para diversão, mas pelo contrário, usavam as salas de exibição e os seus arredores para realizar atividades muito mal vistas por vários membros da sociedade, mas que ajudavam na sobrevivência e na realização das vontades destes indivíduos que viviam a cidade como um espaço múltiplo em experiências.

No número de 27 de julho de 1938 do jornal *Voz da Borborema*, o colunista se mostra muito preocupado com as atitudes de uma criança que usa o cinema para uma prática que não é digna de uma cidade que se queria moderna. Na nota “Mendigo moderno”, o colunista acusa a criança de ser um artista que engana a todos e que escolhendo “uma roupa rasgada, um chapéu de palha, de abas largas, desabado sobre os olhos, estira a mão trêmula a caridade pública”. E o que é mais interessante é que esta criança, segundo o jornalista, não é mendigo ou órfão, “ele vende tapioca, gritando bem alto, cheio de saúde e soltando pilhérias aos conhecidos que encontra”. Como não precisa pedir esmolas, o uso que faz do dinheiro que consegue é também digno de notoriedade, pois utilizava o que conseguia para: “matinés cinematograficas e fumar cigarros”.

O exemplo da criatividade desta criança que pedia esmola para conseguir mais dinheiro e satisfazer os seus desejos é ilustrativo de como a população age de formas variadas, conforme a sua situação. Pois mesmo que o menino em questão não precisasse pedir para ajudar na sua subsistência, utilizava esse artifício para

participar das sessões e assistir aos filmes; enfim, ironicamente, ele e possivelmente muitos outros, utilizava os arredores do próprio cinema para conseguir meios de usufruir desta forma de diversão.

O interessante é que a ação dos pedintes nas portas dos cinemas foi uma característica cotidiana de Campina Grande, de João Pessoa e certamente das demais cidades paraibanas, característica que marcou boa parte da primeira metade do século XX. Tanto que no jornal *O Momento*, que circulou em 1950, data limite do recorte temporal deste trabalho, também havia uma preocupação com relação a algumas pessoas que ficavam nas portas dos cinemas pedindo dinheiro, muitas vezes para completar suas entradas, ou seja, podemos perceber, mais uma vez, como a população menos abastada tinha suas próprias formas de conceber o cinema, querendo deste desfrutar.

Vejamos o que diz *O Momento* de 29 de outubro de 1950 sobre esta questão:

Os senhores proprietários de cinema devem tomar urgentes providências contra a permanência dos moleques de todos os feitios à porta de seus estabelecimentos, causando sérios aborrecimentos aos habitantes com o célebre: "Intere minha entrada" e as pornografias desenfreadas.

O cinema não ficou livre das mazelas sociais, que não eram recentes na Paraíba. Por isso, logo foi um espaço marcado pela ação de pedintes, de baderneiros e assaltantes, ou seja, uma parcela da população que era marginalizada pela sociedade e não se enquadrava nos códigos morais e legais deste meio social. A ação desses "marginais" foi outro aspecto de destaque da imprensa paraibana que continuamente se preocupava com questões como o bom funcionamento das casas de exibição e o comportamento das pessoas nesses ambientes. Estas são questões recorrentes nos jornais paraibanos e o *Brasil Novo* reitera com vários exemplos, como é o caso da nota chamada "Factos policiaes", do dia 11 de abril de 1931, que discorre sobre um episódio que, segundo um letrado, desrespeita todos os códigos de civilidade que deveriam ser seguidos nos cinemas.

Vicente dos Santos, aprendiz marinho, nº 303, por ter desrespeitado uma mocinha no Cinema "Apollo", tendo entrado sem ingresso e resistido a prisão armado de uma faca, acabou preso.

O cidadão em questão nesse dia achou que podia quebrar todas as regras de conduta, os motivos infelizmente não são esclarecidos, pois o que importava para o discurso jornalístico e o discurso jurídico era mostrar que este ato de subversão da ordem era algo que degenerava a sociedade e podia causar danos aos demais moradores da cidade e frequentadores do cinema. Por isso à punição, um exemplo para o restante da população.

Embora se cobrasse muito a coerção da polícia para condutas desviantes, muitos atos de tensão e violência continuavam a ocorrer nos cinemas sem que a força policial pudesse evitar. O jornal *Voz da Borborema*, de 24 de setembro de 1938, mostra como não era tão difícil burlar a vigilância policial e cometer alguns delitos dentro do próprio cinema. Na nota "Os larápios estão operando na cidade", vemos uma outra modalidade de assalto, aquele realizado dentro do cinema:

Na quarta-feira desta semana chegara de Piancó o negociante João da Silva Sobrinho, com o propósito de no dia seguinte, fazer pagamento e efetuar compras. Depois do jantar foi ao cinema capitólio, levando no bolso esquerdo das calças a quantia de 11:400\$ 000. Quando saiu do cinema verificou que estava sem o dinheiro, e o bolso estava cortado de tesoura. Imediatamente a vítima deu parte a polícia, que iniciou as investigações, até agora infrutíferas.

E como observou Souza ao comentar a briga entre dois guardas civis na porta do cine Capitólio, por que um deles desrespeitou a fila de entrada no cinema, gerando a confusão: "O caso envolvendo os dois agentes da ordem parece demonstrar que as regras de civilidade, que os intelectuais da cidade tanto insistiam em apresentar como uma prática comum a todos os moradores, às vezes eram quebradas por motivos simples".³³ Simples porque as pessoas não se enquadram da mesma forma a certas normas de conduta, elas interpretam conforme seu universo particular, ou seja, como melhor lhe convém. Tanto que o autor percebe que um dos guardas desrespeitou uma regra de convivência devido a uma interpretação muito particular desta.

³³ SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa. op. cit., p. 275.

Severino afirma em seu depoimento que “se dirigiu ao Cine Capitólio para comprar um ingresso para comprar um ingresso para o Dr. Raimundo Asfora”. Talvez com esta declaração quisesse fazer entender que suas relações com homens de destaque na cidade lhe retirava a obrigação de seguir pequenas normas de boa convivência. (SOUZA, 2002:275).

Dessa forma, não se pode compreender o cinema sem observá-lo como um local marcado pelos vários usos que faziam os seus *habitués*, o que acaba gerando tensões e outros casos peculiares, característicos dos espaços de exibição. Mas o cinema também era local das inesquecíveis paqueras, dos encontros de amigos e namoros que aconteciam nesses espaços, que dependendo da companhia se tornavam intensamente agradáveis.

O namoro até o século XIX esteve preso à rígida estrutura da sociedade brasileira, caracterizada pela hierarquia e por laços de parentesco e clientelismo. Ou seja, casamentos e namoros eram decididos conforme os interesses dos pais, isso no que se refere aos membros da elite, observou Fonseca ao falar da experiência do cinematógrafo na capital baiana.³⁴ Dessa forma, namorar ou mesmo paquerar eram tarefas bastante complicadas, mas como nada é impossível, os namoros aconteciam, mesmo através de simples gestos, como troca de olhares, de versinhos e papéis com declarações apaixonadas. Um dos espaços prediletos para essas demonstrações de amor e paixão entre os casais era os cinemas, que serviam de ponto de encontro e de lugar especial para os enamorados. Tanto que este autor comenta:

O cinema iria contribuir, portanto, de forma significativa para esses novos hábitos cosmopolitas. No caso do flerte, essa contribuição não se daria somente por influencia das personagens das películas cinematográficas, enredos de amor de estrelas da “scena muda”, mas também pelo próprio espaço físico das casas de exibição, salas de espera e de projeção, que passaram a constituir locais preferidos de encontro dos jovens casais. (FONSECA, 2002:146).

Esta forma de apropriação do cinema foi uma característica dos cinemas paraibanos. O cronista e memorialista Antonio Pereira Morais, em uma de suas memórias chamada “Aquela chuva passageira”, descreve como o espaço do cinema poderia se revelar um local de inesquecíveis momentos de flerte.

³⁴ FONSECA, Raimundo Nonato. op. cit., p. 142-146.

Terminada a sessão do Capitólio, faz muito tempo. Foi em trinta e cinco, começou a chover. Uma chuva passageira que nos prendia, que nos dava prazer. No ambiente alegre, havia muita gente, achando boa a demora. De repente, notei que alguém me olhava de maneira sutil, intermitente. Procurei evitar aquele olhar, olhos que pareciam sorrir, mas se fixavam serenos, como para atrair. Bom a chuva passou e fui embora. Dias depois, na rua, aqueles olhos me perseguiram sempre onde estivesse. Até que, enfim, por mais que eu quizesse me esquivar, o magnetismo daquele olhar, jamais deixou de seguir. Andei por toda parte, procurei esquecê-lo, as vezes mesmo sem sentir, em qualquer lugar estava a vê-lo. Pois foi assim, uma chuva passageira fez brotar uma linda flor que me trouxe o amor de uma eterna companheira.³⁵

As palavras do memorialista bem que poderiam ser de qualquer pessoa que nos espaços do cinema namorara ou flertara, começando uma história que culminaria possivelmente em um casamento duradouro. Então, me arrisco a dizer que não só a chuva proporcionou o encontro do autor com a sua companheira, mas também o cinema, ponto de muitos encontros, que certamente foi o palco de muitas outras histórias parecidas que infelizmente estão perdidas no anonimato.

No entanto, nem todos viam com tanta alegria e saudade esses encontros amorosos no cinema, certamente os pais dos enamorados não gostavam dessas histórias e uma parcela da imprensa execrava esses comportamentos dentro dos cinemas. A revista *Era Nova* de 15 de fevereiro de 1922, em uma de suas colunas, faz uma crítica a alguns costumes da sociedade, que acha um verdadeiro desrespeito com os códigos de uma certa moral. Um dos problemas era o mau hábito de algumas jovens que utilizavam de forma errada os cinemas que, por sua vez, segundo o colunista, raramente traziam coisas boas para a sociedade. Diante disto, o colunista reclama:

Adultérios, as imoralidades de alcova, são temas predilectos. Raramente, uma ação semeadora de virtudes, muito raro. Quem pode, pois, ficar quieto ante a presença de mocinhas nesses recantos escuros, como são os cinemas, ao apagar das luzes a fim de movimentar melhor a mudez eloqüente aos dramas realistas! Se ellas fossem, em sua quasi realidade, senhoras de seus próprios sentimentos, a ponto de estrangular os ímpetos do

³⁵ MORAIS, Antonio Pereira. *Vi, ouvi e senti*. p. 87-88.

corpo. Haveria equilíbrio, e não haveria sempre como esta havendo, uma queda súbita dos valores moraes ...

Além de encontros amorosos o cinema também era lugar de encontros de amigos que gostavam muito das fitas, mas também não dispensavam a reunião antes e depois das sessões para comentar os episódios das séries, as cenas de aventura, a coragem dos heróis e a beleza das atrizes que eram de tirar o fôlego dos espectadores. Moraes se lembra de como “os meninos colecionavam os retratos de artistas mais famosos, e era costume a troca e a venda de fotos de artistas”,³⁶ Maria Filho, não menos saudosista, se lembra de como os seriados traziam a inspiração para as brincadeiras dele e de seus amigos que queriam reviver os personagens das telas.³⁷ A verdade é que os filmes são responsáveis pelo surgimento de novas brincadeiras, como polícia e ladrão, mocinhos e vilões; não era difícil encontrar nas ruas após as sessões a garotada se divertindo imitando seus heróis das telas e esperando ansiosamente a oportunidade de mais uma vez entrar em contato com aquele mundo de aventuras e de sonhos. Dessa forma, as palavras do memorialista não representam um caso isolado, mas sim toda uma geração de crianças, adolescentes e jovens que vivenciaram o cinema de forma muito particular.

Olho para Ermírio Leite, vejo aquele bihão enorme, mas tudo nele só faz recordar o menino brincando de “faroeste”, na rua João da Mata.

Ele nunca aceitou ser “bandido”. “O artista sou eu”. Fazia questão de ser “Bill Elliot”.

Mandou fazer um traje de cowboy por uma costureira que morava no “beco da pororoca” e passou a matar os “bandidos” que infestavam a rua. Era um calça preta, camisa de mangas compridas, amarela, trazendo um desenho de um cavalo no bolso. Na cabeça, um chapéu de abas largas, enquanto os dois revólveres e a cartucheira, comprados na loja “A simpatia”, no “beco 31”, completavam o temido justiceiro.

Ermírio viveu “Bill Elliot”. Diante do espelho sacava os dois “45” cano longo e o nego azeitona caía no chão, já “estribuchando”. Chico, eu estou parecido com Bill Elliot? Eu respondia: só falta o bigode. E o lápis de sobancelha riscando o rosto do menino, fazendo nascer nele a certeza de ser o artista tanta vezes aplaudido na fita do Capitólio.

³⁶ MORAIS, Antônio Pereira, op. cit., p. 39.

³⁷ MARIA FILHO, Francisco, op. cit., p. 81.

Na verdade, a frase "ir ao cinema" significa muito mais do que apenas assistir as projeções. Ir aos cinemas na Paraíba na primeira metade do século XX teve vários sentidos, dependendo de quem para ele se encaminhasse. Porém, uma coisa é certa, o cinema de alguma maneira marcou grande parte da população que em algum momento se deixou seduzir pelos filmes e pelas propagandas que sugestionavam o cotidiano das pessoas, como foi o caso das crianças que queriam ser iguais aos seus heróis. Mas esta é uma questão que será melhor discutida na próxima parte.

PARTE 3: 'QUEM NÃO ANUNCIA...': A PROPAGANDA É A SUA ARMA

Não é difícil encontrar na Paraíba ou em qualquer outra parte do mundo alguma pessoa que foi seduzida pelo cinema, passando a viver inspirado pelos temas das telas e pelos estilos de vida de seus astros e personagens prediletos. Homens pensaram poder reviver as histórias dos galãs, mulheres procuraram se enquadrar nos padrões de beleza propagados nos filmes e crianças tiveram seu universo de brincadeiras redimensionado a partir das aventuras com grandes heróis que viam nas telas. E estes casos de pessoas comuns maravilhadas pelo fantástico mundo do cinema foram possíveis, em grande medida, devido ao poder da propaganda que desde dos primeiros tempos do cinema anunciou as belezas proporcionadas por este invento.

Tanto que Meneguello,³⁸ embora falando especificamente de contextos diferentes (Rio de Janeiro e São Paulo nas décadas de 40 e 50) e se referindo ao cinema holywoodiano e a mídia neste período, analisa a influência do cinema americano, intimamente ligado a um grande aparelho midiático, grande responsável pela construção de temas, tipos e perfis, seguidos por uma parte da população que se inspirava nos filmes e na mídia a eles relacionada para mudar hábitos e comportamentos cotidianos.

A propaganda foi a parceira perfeita do cinema, pois ela acompanhou as mudanças e a evolução do cinematógrafo desde a sua fase inicial até o momento no qual esta forma de arte e divertimento passa a ser um negócio que movimenta milhões de dólares e quando já estava totalmente incorporada às sociedades pelo mundo afora. No início, as propagandas anunciavam as qualidades técnicas dos equipamentos de projeção e a nitidez das imagens, tudo para o melhor conforto dos espectadores; posteriormente os anúncios começaram a trazer informações completas sobre filmes, a importância das fábricas, as histórias, o sucesso em outras partes do mundo, o nome do diretor e um grande destaque sobre astros e estrelas, que cada vez mais começaram a ganhar ênfase.³⁹

Na verdade os anúncios foram transformados nas armas principais na divulgação das fitas a serem exibidas, procurando conquistar o público

³⁸ MENEGUELLO, Cristina. op. cit., p. 11-17.

³⁹ FONSECA, Raimundo Nonato. op. cit., p.105-106.

consumidor.⁴⁰ E na Paraíba onde a chegada do cinematógrafo também foi um evento digno de notoriedade, o poder da propaganda foi sentido desde a fase inicial do cinema. Como em outras regiões, os primeiros anúncios veiculados pela imprensa local davam conta das qualidades técnicas das máquinas de projeção. O anúncio de *O Campina Grande* de 28 de fevereiro de 1909 destaca não só qualidade do cinematógrafo, como também as melhores condições de exibição da cidade, que conta com um outro equipamento moderno bastante significativo, a luz elétrica, importante para a boa projeção das imagens em movimento:

Gentilmente convidados, assistimos quinta-feira a experiência feita em optimo scenematographo, que vae funcionar em nosso theatro.

A falta de gazolina dava pouca pressão, apparecendo as vistas um tanto escuras.

É admirável o progresso da electricidade.

O nosso publico vae ter agora noites grandemente divertidas.

Ao theatro!

Na cidade de Parahyba, a exemplo de Campina Grande, os anúncios também estavam mais preocupados em mostrar os progressos técnicos e científicos que representavam os aparelhos de projeção, do que propagar os enredos das fitas, que muitas vezes eram considerados um elemento secundário das exibições. Tanto que Leal⁴¹ observou que havia uma constante preocupação quanto às máquinas exibidoras das imagens em movimento. Segundo ele, não se confiava tanto nos equipamentos ingleses e alemães, quanto nos franceses, pois se achava que a França era um centro de excelência no que se referia aos cinematógrafos. Contudo, em uma nota de 18 de setembro de 1902 do jornal *A União*, reproduzida por próprio Leal, encontramos a informação de que um aparelho inglês havia satisfeito aos espectadores que foram assistir suas projeções:

Teve lugar nesta terça-feira última a estréia do Bioscópio Inglez, propriedade da Cia. de arte, que atualmente está ocupando o theatro Santa Roza. As vistas exibidas no primeiro espetáculo agradaram geralmente. A primeira exibição foi dividida em três partes, tendo sido a pedido dos espectadores repetidas várias vistas (LEAL, 1989:15).

⁴⁰ FONSECA, Raimundo Nonato. op. cit, p. 15-16.

⁴¹ LEAL, Wills. op. cit., p. 15.

Este tipo de elogio feito pelo jornal local ao aparelho era uma importante propaganda do cinema e principalmente da companhia proprietária deste cinematógrafo, que talvez não tenha contado com um grande retorno material após esta notícia, mas que certamente ganhou uma maior confiança dos espectadores que com base nos elogios feitos pelo jornal tiveram curiosidade em conhecer este e outros equipamentos de projeção.

A importância de um bom equipamento era indispensável para esta fase do cinema que se resumia apenas às imagens em movimento, muitas vezes, de lugares distantes e peculiares para os espectadores paraibanos que tinham, através deste invento, a oportunidade de conhecer outras culturas, inclusive a Europa. Esta característica do cinema era apreciada por parte da elite letrada que via no cinematógrafo um viés pedagógico, já que servia de meio de informação para a população.⁴² Então era importante anunciar ao máximo as qualidades dos cinematógrafos e também as qualidades das cenas, como forma de atrair mais curiosos em ver as imagens em movimento de outras partes do mundo.

A revista *Manáira* contava com uma coluna chamada “Quando o século XX começou”, que aparecia com certa frequência nos seus primeiros anos de circulação; era uma coluna que falava de acontecimentos importantes do início do século, promovendo uma certa retrospectiva. No número de abril de 1940 encontram-se notícias referentes a abril de 1902, e uma delas é: “Em um dos salões do “Café chic”, à rua Direita, exhibe-se o “Panorama universal”, vistas cinematográficas de todo mundo”. Esta nota mostra o quanto no início do século XX a propaganda seduzia os espectadores do cinema com promessas que se referiam, entre outras coisas, a qualidade das máquinas e os tipos de imagens.

Com o passar dos anos o cinema além de uma constante evolução técnico-científica, aprimora uma linguagem cinematográfica. Os filmes aos poucos iam deixando de ser artesanais e ocorre uma valorização dos enredos em detrimento das imagens e das cenas do cotidiano, as películas naturais, que foram as primeiras cenas projetadas pelos cinematógrafos. É a partir deste momento que surge o fenômeno das grandes estrelas, ou seja, cada vez mais os artistas ganham espaço no mundo do cinema.⁴³ Astros e estrelas passaram a ser os elementos mais importantes dos filmes, influenciando uma boa parte dos amantes da sétima arte.

⁴² ARANHA, Gervácio Batista, op. cit., p.260-261.

⁴³ FONSECA, Raimundo Nonato. op. cit., p. 107.

Seguindo este movimento de mudanças que ocorria nos cinemas, principalmente a partir da década de dez, os conteúdos dos anúncios começaram a contar com outras preocupações;⁴⁴ só os equipamentos e as imagens de outros países não bastavam, o importante era falar sobre os enredos dos filmes, pois o público queria se divertir, sonhar e se emocionar com as histórias. Além disso, era muito significativo mostrar que as produtoras eram as melhores, uma forma de mostrar as qualidades dos filmes; sem contar que a propaganda descobriu um outro elemento que seria anunciado como uma das principais características dos cinemas, os atores.

Dessa forma, a tônica da imprensa sobre o cinema na Paraíba na década de vinte já é bem diferente das preocupações desta mesma imprensa na primeira década do século; ele continua sendo considerado um divertimento dos mais modernos, mas também um lugar no qual os paraibanos podiam entrar em contato com uma fábrica de sonhos que contava com filmes de ótima qualidade, astros e estrelas de primeira grandeza e produzidos por diretores brilhantes e produtoras milionárias e competentes; além do fato de que era comum os anúncios mostrarem que os filmes eram assistidos no resto do mundo.

No caso do jornal campinense *O século*, encontram-se colunistas que sabem do que estão falando quando fazem a propaganda dos filmes exibidos nos cinemas; eles dão conta de que a produção é mundialmente conhecida, os atores são famosos e as casas de exibições são confortáveis. Com este discurso o letrado, além de tentar atrair a população para os cinemas, procura qualificar Campina Grande como uma cidade que segue os padrões de civilidade, com casas de espetáculo confortáveis e produções de grande peso.

Vejamos o que diz a propaganda d'*O século* de 14 de junho de 1928, ao falar do Cine-Apollo e do Cine Fox:

Levarão hoje a tela esses elegantes cassinos, os films "Saxophone mágico", desacorada comedia da Sunshine e "Rico mas honesto", cinta de grande emoção em que a Fox apresenta as figuras mais insinuantes do seu elenco, como Nancy Nash, Majorie Beebe etc.

⁴⁴ Cf. FONSECA, Raimundo Nonato. op. cit., p. 107.

Não raro foram os que folheavam os jornais em Campina Grande para ficar sabendo qual o melhor filme a se assistir, isto a partir dos anúncios que apareciam nas colunas das edições locais. Os meios de comunicação foram ótimos veículos de propaganda, dessa forma os jornais campinenses, e certamente os demais jornais da Paraíba, durante a primeira metade do século XX foram canais de propaganda para as produções cinematográficas. Foi o que aconteceu, por exemplo, com o *Voz da Borborema* que também cedeu suas páginas para os anúncios do cinema, tal qual vê-se em edição de 08 de junho de 1940:

Cine-Capitólio
Hoje e amanhã
Este Mundo Louco
Com Norma Shearer e Clark Gable.

Apesar de curto, se comparado com alguns outros anúncios, este não diz menos sobre a qualidade da produção. Basta observarmos a ênfase que é dada aos atores, porque só o nome do filme não é suficiente para identificá-lo como de boa qualidade. Mas quando se têm em um elenco atores como o célebre Clark Gable e a bela estrela Norma Shearer, há fortes indícios de que este filme será ótimo. O anúncio provocava o leitor e espectador a verificar se realmente estes atores estavam tão bem como em outras oportunidades.

Sem querer discutir as qualidades dos grandes sucessos da história do cinema (que não é o objetivo deste trabalho), é completamente plausível imaginar que boa parte da fama das mais importantes produções da história advém de uma competente máquina de propaganda que espalhou exaustivamente as maravilhas de determinados filmes. Não é à toa que dificilmente um filme que não tenha lugar na mídia conseguirá recorde de bilheteria. Desde cedo a indústria cinematográfica descobriu que a propaganda era a alma do negócio, então entendeu que grandes sucessos também são construídos a partir de ótimos anúncios.

Um bom exemplo é “... E o Vento Levou”, que foi considerado pela crítica um marco na história do cinema, mas o seu grande sucesso de público, certamente, também se deveu as propagandas realizadas, em torno deste clássico, por todo mundo. Propagandas que chegaram a Paraíba, tanto que na revista *Manaira*, de dezembro de 1940, encontra-se uma coluna que leva o mesmo nome do filme, onde há várias informações sobre os atores Clark Gable, Vivien Leigh, Leslie Howard e

Olívia de Havilland, o diretor, Victor Fleming, a produtora, Metro Goldwyn Mayer, além de curiosidades das gravações, ou seja, tudo que pudesse atrair o público cada vez mais para os cinemas, consolidando assim o sucesso da produção. Além de tantas informações o colunista é imperativo sobre o filme: “O máximo espetáculo de todos os tempos”.

Nas propagandas realizadas na Paraíba, como nas demais regiões do mundo, jamais apareceriam indicações contrárias às qualidades de qualquer filme; “... E o Vento Levou” foi para seus anunciantes a perfeição cinematográfica, esses não levavam em consideração os problemas característicos de qualquer produção do cinema. Ou seja, não apareceriam nas propagandas veiculadas nas revistas, nos jornais, ou em qualquer meio de comunicação, que apesar de ter os cenários e as indumentárias historicamente precisas, o filme apresenta uma versão da guerra de secessão francamente favorável aos confederados, várias imprecisões históricas e estereótipos claramente racistas.⁴⁵

Quando se fala em propaganda, mídia, anúncios, é comum imaginarmos que estas formas de comunicação e divulgação estão ligadas a grandes empresas especializadas que desenvolvem de forma original vários mecanismos para atrair o público aos filmes; de fato isto é verdade, muitas foram as agências de propaganda que juntamente com os cinemas propagavam o sucesso de produções e personagens.⁴⁶ Contudo, usar o artifício da propaganda não foi um privilégio das grandes empresas cinematográficas e suas agências de publicidade. Os donos das salas de exibição, se aproveitando de estratégias de marketing, também passaram a apostar nos anúncios como forma de atrair mais espectadores para os seus ambientes e com isso conseguir a liderança na simpatia do público e certamente maiores lucros.

Em Salvador⁴⁷ os exibidores utilizaram várias estratégias para cada vez mais trazer os habitantes para os cinemas. Houve na cidade uma verdadeira guerra entre os cinemas, pois os donos inventavam novas fórmulas, tudo para vencer a disputa pelo o público soteropolitano, já bastante habituado à presença do cinema na cidade de Salvador. Dessa forma, vejamos até onde ia a criatividade dos empresários baianos:

⁴⁵ MOCELLIN, Renato. op. cit., p. 52.

⁴⁶ SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa. op. cit., p. 255.

⁴⁷ FONSECA, Raimundo Nonato. op. cit., p. 116-117.

(...) matnéas, soirées, sessões elegantes ou dedicadas ao “belo sexo” eram usadas como armas. Outros promoviam sessões especiais só para homens ou, ainda, sessões beneficentes para instituições religiosas, clubes de futebol e clubes carnavalescos (...). O espetáculo cinematográfico também passou a integrar os mais variados tipos de eventos, quer cívicos, quer religiosos ou profanos, servindo muitas vezes, não só de entretenimento, mas também como forma de estabelecer contato com um idealizado mundo moderno (FONSECA, 2002:116).

Na capital baiana houve uma proliferação de cinemas por todos os cantos da cidade. A partir dos anos dez Salvador assistiu a um aumento significativo de ambientes de exibição, o que acarretou de certa forma a concorrência entre os vários cinemas que usavam a propaganda para conquistar a população.⁴⁸

Na Paraíba a concorrência e a guerra entre os cinemas aparentemente não foram tão exacerbadas como na capital baiana, porque no caso da cidade de Parahyba, e mais especificamente em Campina Grande, não surgiram muitos cinemas na primeira metade do século XX se comparado a Salvador, o que poderia gerar uma disputa desenfreada pelo público. Mesmo assim, os donos de cinemas na Paraíba também mostraram que eram criativos no que se refere a atrair a população para seus ambientes.

Já a partir da década de dez os proprietários lançavam mão de alguns artifícios para atrair o público, o que era digno de nota por parte da imprensa. No cinema Pathé, o primeiro cinema fixo da capital paraibana, um proprietário chamado Manuel Henrique de Sá, procurou inovar para estimular as pessoas a procurarem o seu cinema. Seus métodos eram utilizar moças nas bilheterias para a venda e o recolhimento dos ingressos. Dentre estas moças estava a sua própria filha, o que foi visto com simpatia e foi elogiado por parte dos jornalistas da cidade.⁴⁹ Fatos como este mostram uma criativa estratégia, já que por um certo tempo as iniciativas do senhor Manuel Henrique de Sá foram comentadas nos jornais da cidade. É o que observou Leal na seguinte nota:

Para elogiar o exemplo de uma gentil senhorita “está procedendo a venda dos ingressos”, Celso Mariz escreveu (26 de agosto de 1915), no seu jornal “A Notícia”: é justamente esse

⁴⁸ Cf. FONSECA, Raimundo Nonato. op. cit., p. 116-117.

⁴⁹ LEAL, Wills. op. cit., p. 34-35.

belo exemplo que nos induz a escrever essa notícia mais ampla sobre o Pathé. Todos sabemos que o Sr. Manuel Henrique de Sá, que é um abastado proprietário, assim procede apenas como um exemplo, por uma compreensão prática das coisas. Não há nenhum desdouro em a mulher lutar honestamente ao lado do homem. O que é censurável é que se faça da janela um hábito e se veja no casamento como o único meio de vida consentâneo com uns tantos preconceitos injustificáveis (LEAL, 1989:34).

Além desse toque feminino que o proprietário em questão deu ao seu ambiente de exibição, ele buscou tomar também o espaço mais confortável e agradável, fez reformas e construiu um bar onde as pessoas pudessem ficar enquanto não estavam vendo as fitas; o detalhe interessante é que a idéia era fazer parecer que os preços das bebidas eram mais cômodos por serem inclusos nos preços das entradas, tudo para conseguir mais freqüentadores.⁵⁰ Diante de tantos atrativos, as novidades foram logo veiculadas pelo jornal *A Notícia*, de agosto de 1915:

O Cine Pathé, que é no gênero a mais antiga casa de diversão da Paraíba, havendo passado a propriedade do Sr. Cel. Manuel Henrique de Sá, acaba de sofrer uma reforma radical – pintura nova, melhor musica e um bar interno ao ar livre. Neste, o preço das bebidas, conjugados com o das entradas para o salão de projeção fica mais cômodo e reduzido (LEAL, 1989:34).

Este é apenas um exemplo significativo de proprietário que desenvolveu diversas formas de atrair o público para os cinemas e que veiculou tais informações a imprensa, para que desse modo seu ambiente de exibição fosse propagandeado e com isso ganhasse mais freqüentadores seduzidos pelos anúncios convidativos.

Campina Grande, apesar de ter um número relativamente pequeno de cinemas também presenciou os métodos de propaganda dos exibidores na tentativa de atrair as pessoas para o cinema. A exemplo do que ocorreu na capital, a imprensa foi o principal veículo para os anúncios dos espaços de exibição na cidade, que não eram tantos mas que se tornavam bastante atrativos quando observados a partir das propagandas. Filmes de grande sucesso, estrelas renomadas, sessões especiais, *matinéés*, tudo valia para atrair mais espectadores. E o *Brasil Novo* de 21

⁵⁰ LEAL, Wills. op. cit., p.34-35.

de março de 1931 traz em uma de suas páginas um desses anúncios que convidam a população a ir ao cinema:

“Apollo e Fox”

Empreza cinematographica parahybana Einar Svendensen e Cia
Hoje - 21 de março de 1931 – hoje

Continuação da arrojada e sensacional pellicula em series:

O homem sem Rosto: film de enredo policial.

4ª serie – 2º episodio – 4 partes

Quem será esse formidável homem sem rosto, que chefiando uma quadrilha de bandidos, os mais celebres, traz em dificuldades os policiaes de uma grande cidade.

Amanhã – Domingo

Rhapsodia Húngara – Willy Fritsch e Dita Parlo

Film da Ucrânia em 10 partes.

Segunda-feira – Sessão das moças

A Fraude

Terça-feira – O Crime de um beijo.

No espaço reservado pelo jornal aos anúncios vemos que as pessoas tinham que se manter informadas sobre o que estava passando na cidade, pois a intenção era fazer com que fossem aos filmes. E de fato havia produções para todos os gostos: séries policiais para quem fosse amante de uma boa aventura, filmes europeus, histórias que eram projetadas para as moças, enfim toda uma programação eclética para agradar os mais variados espectadores, pois sessões específicas para determinados grupos de pessoas, eram atrativos na tentativa de atrair a população.

E com o passar das décadas os artifícios de propaganda e os anúncios utilizados pelos exibidores paraibanos continuaram tendo lugar cativo em muitos meios de comunicação, tanto que na década de 1940, mesmo tendo passado quase meio século, os jornais continuavam dispensando espaços para as realizações dos proprietários e as programações dos cinemas nas suas edições. Vejamos, por exemplo, o caso do *Voz da Borborema*, de 01 de junho de 1940:

Cine-Capitólio
Hoje e Amanhã
O grandioso filme revista

Goldwain Follies

Cine-Babilônia
No velho Chicago
Com Tyrone Power e Alice Faye.

A intenção das propagandas sempre foi muito clara: seduzir o público consumidor e dessa forma fazer do cinema e dos filmes um sucesso de público e também de renda. Contudo o poder da mídia extrapolou os limites das salas de exibição e começou a agir no cotidiano das pessoas, sugestionando hábitos e costumes e abrindo novas possibilidades para muitos espectadores.

A publicidade, além de anunciar, foi um modo de prolongar as sensações sentidas nos espaços de exibição. Não é à toa que surgiu um número significativo de revistas, artigos, livros, folhetins e documentários que traziam informações, entre outras coisas, sobre a vida dos astros que circularam por todos os cantos da terra.⁵¹

As revistas, por exemplo, funcionavam como um elo de ligação dos leitores e espectadores com as produções cinematográficas. A criação de revistas específicas sobre cinema que se espalharam pelo Brasil, como Cinearte (RJ), Cinelândia (RJ), Cena muda (RJ), Cine Revista (SP), Cine-Fan (SP), entre outras, ilustra como foi importante a presença desse meio de comunicação que seduzia os consumidores do cinema, apresentando as peculiaridades existentes nesta forma de arte e entretenimento.⁵² Sendo assim, em grande medida as mudanças sugestionadas pelos comportamentos veiculados nos filmes se devem ao importante papel das revistas na propaganda dos valores presentes no cinema.

Na Paraíba as revistas tinham como intuito informar a população sobre artes e códigos de elegância importantes para época, provenientes dos centros civilizados. Dentre as manifestações artísticas e elegantes estavam os filmes e as idas ao cinema para se assistir uma boa produção. Sendo assim, as informações sobre o cinema ocuparam várias páginas dos números das revistas paraibanas, trazendo anúncios de filmes a serem exibidos nos prédios locais; informações sobre grandes produções; peculiaridades sobre a vida dos artistas fora das telas; opiniões sobre o cinematógrafo, muitas vezes dissonantes; formas de conduta inspiradas nos artistas e nos filmes que deveriam ser seguidas pela população; enfim, toda uma

⁵¹ SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa. op. cit., p. 255.

⁵² MENEGUELLO, Cristina. op. cit., p. 15.

série de aspectos sobre este equipamento que ajuda a mostrar como este símbolo redefiniu o cotidiano da população paraibana de maneira diversa.

Em uma das colunas da revista *Manaíra* de abril de 1941, encontra-se uma homenagem ao dia internacional da mulher. Nada de mais, se não fosse o fato de que a escolhida para representar o público feminino foi a atriz de Hollywood, Ann Rutherford, que segundo o colunista, “é um tipo representativo da moça americana moderna.... Entre os esportes que pratica com mais esforço e vontade, figura em primeiro lugar o ‘ski’”. A idéia era mostrar um padrão a ser seguido pelas espectadoras e leitoras, pois mulher moderna, segundo a mídia, seria uma mulher que praticasse esportes.

A mídia investiu pesado no público, especialmente nas mulheres. A idéia era que o público cada vez mais tivesse como referência os filmes, os personagens e a vida das estrelas. Basta observarmos o exemplo da coluna “Secção feminina”, da revista *Manaíra*, que trazia dicas e conselhos para as mulheres que quisessem ser modernas e elegantes. Na coluna de junho e julho de 1944 as informações eram sobre moda.

Marisha Hunt num novo filme da Metro Goldwym Mayer, apresenta este elegante modelo esportivo, que deverá ser muito utilizado na próxima primavera. A jaqueta tem um botão e é de lã branca, ficando atraente com uma sweater cinzenta branca, feita de “gesey”. A saia é preta.

As empresas de propaganda descobriram que não bastava apenas que as pessoas fossem aos filmes era necessário também que elas reproduzissem os costumes dos personagens dos filmes e das estrelas como forma de garantir a presença dos símbolos construídos nas telas no cotidiano das pessoas. Ou seja, as pessoas deveriam se vestir, se comportar, viver conforme a realidade das fitas que eram anunciadas pelos meios de comunicação e propaganda.

Os artifícios da mídia sugestionavam os aspectos mais íntimos das pessoas, nem as casas dos espectadores ficaram livres da propaganda. Passou a ser comum a exibição de casas de artistas, os locais de seus descansos, ou seja, a sua vida doméstica. Isso para que móveis, objetos e ornamentos se tornassem desejados

pelos espectadores, e aqueles que tivessem melhores condições materiais passassem a decorar seus lares a partir do mundo do cinema.⁵³

Os cenários dos filmes e das casas de Hollywood influenciavam a vida cotidiana do mais simples ao mais abastado espectador. Os arranjos da cozinha, da sala de estar, dos quartos infantis e mesmo da garagem, quando havia passavam a ser inspirados no que o cinema mostrava como sendo ideal. Claro que estes modelos não atingiram da mesma forma todas as classes sociais, mas alguns espectadores mais abastados e mais sintonizados com o mundo do cinema e das publicações passaram a decorar suas casas como ponto de partida as indicações visualizadas nas telas e nas revistas (SOUZA, 2002:259).

E de certa forma o cinema e suas agências de publicidades tiveram êxito nos objetivos de prender os espectadores aos valores propagados nas telas. Foram muitas as pessoas que imaginaram poder viver tal qual as histórias exibidas nas telas, confundindo realidade e ficção. Isto, segundo Meneguello⁵⁴, porque o cinema, especificamente o americano e a mídia na qual ele está inserido, é construtor de espectadores, não por características exclusivas dele, mas a partir dos usos dos temas que são próprios do seu tempo. Ou seja, há uma propagação de idéias peculiares de determinado período, que a mídia e o cinema acabam se apropriando para montar seus personagens e seu público consumidor.

E o público consumidor, por sua vez, não é mero receptor, não é passivo dentro do processo de produção dos tipos e perfis propagados nos cinemas. Eles além de serem sugestionados, também constroem seus hábitos e comportamentos, conforme suas posições com relação aos símbolos propagados pelo cinema. Dessa forma, as pessoas que reinventaram seus costumes fizeram isto a partir de seus objetivos particulares. E o grande mérito das agências de propaganda foi aproveitar estes objetivos para propagandear as características inerentes ao cinema que pudessem ser seguidos pelos espectadores desejanter⁵⁵. Assim Meneguello conclui:

Enfim, não preexistem à relação que estabelecem na conexão com o cinema. Estes “sujeitos do cinema hollywoodiano”, produzidos a partir dos signos via canais de mídia, são

⁵³ SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa. op. cit., p. 259.

⁵⁴ MENEGUELLO, Cristina. op. cit., p. 11-17.

⁵⁵ Idem., p. 179.

localizáveis dentro da rede na qual são constituídos como sujeitos (Meneguello, 1996:179).

Dessa forma, a mídia foi indispensável para a propagação dos ideais inerentes ao cinema, a mídia que construiu espectadores a partir de temas em voga em um determinado período, espectadores que participaram ativamente na construção de seus hábitos e comportamentos, inspirados no mundo dos filmes. E mesmo o estado da Paraíba tendo singularidades, não se pode deixar de lembrar que o público paraibano, influenciado pelos filmes e pelo aparelho de propaganda, também viu seu cotidiano ser redefinido pelo cinema, ou seja, alguns habitantes da Paraíba modificaram seus comportamentos e construíram novos valores a partir dos filmes e dos meios de propaganda. Vejamos, por exemplo, o caso descrito por um memorialista campinense que se lembra com fascínio dos casos que presenciou no cinema:⁵⁶

Ai que saudade do "Trio 111!"

Três moças muito magras, muito compridas e que andavam sempre juntas.

O povo batizou de "Trio 111" (...)

(...) Cartaz do Capitólio anuncia: "hoje – sessão das moças" Uma noite no Rio com Dom Ameche. Cinema lotado. Rapazes querendo ser "drecos" faziam pose, fumando nas laterais. Lá no meio o trio. Três menina unidas pelo mesmo sonho, a mesma ilusão, na esperança de um namoro com Dom Ameche.

Foi uma noite de emoção e ternura. A fita, não só pela história como pela música, tomou conta da cidade. Ali estava Dom Ameche, bem perto, no Rio de Janeiro, a mexer com o coração das moças. De vez em quando, em cada cena, um murmúrio, um suspiro de emoção.

Lembro-me bem na última cena do filme, um "1" não agüentou mais e caiu no choro, em quanto o "11" procurava consolar: "besteira, menina, isso é uma fita!"

Lá vai o "Trio 111" saindo do Capitólio para a retreta do Esial!

Três menina e uma só emoção: saudades de Dom Ameche (MARIA FILHO, s.d, 09-10).

O cinema fazia com que as pessoas imaginassem viver as histórias das fitas, fazia com que elas achassem que seria possível passar por um romance tal qual os mostrados nas telas, com os astros e as estrelas dos filmes. As moças que saíram

⁵⁶ MARIA FILHO, Francisco. op. cit., p. 09-10.

desapontadas representam apenas um caso de coração partido pelos sonhos propagados pelos filmes.

Um outro exemplo de como o cinema juntamente com a mídia influenciava um público desejante, que achava ótimo viver conforme os filmes, é uma das memórias de outro autor paraibano. Moraes⁵⁷ se impressionou com a beleza de uma atriz de Hollywood, que além de aparecer nas telas, também era constantemente fotografada para as revistas que tratavam de filmes e artistas. Era o poder dos meios de propaganda que através da circulação de revistas buscava prender o espectador aos encantos do cinema. Diante disto, Moraes ao ler uma revista que trazia o endereço da atriz hollywoodiana, Elissa Landi, que já conhecia dos filmes que assistia, não teve dúvida, escreveu uma carta, “dizendo-me fã e admirador de sua beleza, que havia me impressionado e desejava que ela continuasse fazendo sucesso”. (MORAES, 1985:39)

O mais interessante é que ele, mesmo sem esperar, recebeu uma resposta em forma de envelope que trazia uma foto de Elissa Landi, naturalmente mandada pela equipe de produção da atriz. Mas o importante é que o retrato causou um impacto característico do cinema: “Me deixou sem dormir direito por duas noites. Sempre sonhava com o retrato, mandei colocá-lo em uma moldura e por muito tempo o conservei perfeito”. (MORAES, 1985:39).

O discurso do cinema e da propaganda atingiu homens, mulheres e também o universo infantil, pois o cinema se apresenta como um elemento cativante e transgressor para as crianças.⁵⁸ E certamente a grande mágica do cinema está em como ele pôde muitas vezes se confundir com a realidade dos espectadores, que possivelmente pelo menos uma vez levaram seu cotidiano inspirado no mundo das telas.

⁵⁷ MORAES. Antônio Pereira. op. cit., p 39.

⁵⁸ SANTIAGO. Roberval da Silva. op. cit.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se este trabalho fosse um filme eu diria que seu roteiro baseou-se em fatos reais, onde os acontecimentos tiveram a mesma grandeza quando comparados entre si, e os personagens são ótimas estrelas comuns do cotidiano. É muito fascinante estudar as cidades justamente porque elas são palcos das várias mudanças sociais e culturais que ocorrem na vida das pessoas, mudanças que muito bem poderiam ser enredos de produções cinematográficas. No decorrer deste trabalho pudemos assistir ou ler transformações significativas dentro de sociedades heterogêneas que adentraram um novo momento da história, tal qual um espectador que assiste a um seriado dividido em vários capítulos.

É muito complicado falar mais da aventura do cinematógrafo na Paraíba sem correr o risco de ser redundante, contudo vale observar mais uma vez que a vida dos habitantes da Paraíba na primeira metade do século XX, como de resto todo o mundo ocidental, não foi mais a mesma após a chegada do cinema, pois este transformou hábitos, costumes e valores de muitos, do mesmo modo que foi apropriado e consumido de maneiras diferentes por outros tantos. Ou seja, homens e mulheres que por essa época habitavam as cidades paraibanas redimensionaram as suas práticas cotidianas para poder conviver com a incorporação do cinematógrafo.

Na Paraíba observamos o cinema decantado como um equipamento moderno, capaz de civilizar uma população provinciana e carente em divertimentos; vimos com o passar das décadas o cinema ganhar cada vez mais espaço entre os seus habitantes, passando a redimensionar o cotidiano de muitos. O cinema dividiu opiniões, modificou comportamentos e interferiu na vida de diferentes grupos sociais e na sociedade em geral, tanto em João Pessoa quanto em Campina Grande, estas cidades com o cinema foram palcos de novas práticas sócio-culturais.

O cinema não foi vivenciado e apropriado da mesma maneira pelas pessoas, nem os grupos sociais tiveram opiniões homogêneas com relação ao mesmo, como por exemplo, os letrados que discordavam sobre a importância, a qualidade e os possíveis benefícios deste para a sociedade. A população não utilizava os cinemas apenas para assistir aos filmes, pelo contrário, fazia diversos usos das casas de exibição; não raro foram as algazarras, as brigas, os encontros de amigos e os

namoros nos ambientes de projeção, além dos assaltos e da ação dos pedintes, atos praticados nas imediações e dentro dos cinemas.

Sem contar também que muitas foram às pessoas que modificaram hábitos e comportamentos cotidianos inspirados nos filmes e na propaganda, que sugestionavam o público a seguir os modelos veiculados pelo cinema. Um público ativo que, seduzido pela evolução das propagandas, interpretou muitas das mensagens provenientes do cinema e do seu aparato midiático a partir de suas realidades e crenças particulares, como por exemplo, as pessoas que sofriam por não poderem concretizar o sonho de viver um amor, tal qual os amores das telas.

Portanto, este enredo ou este trabalho sobre o cinema e as mudanças ocasionadas por ele, mapeia algumas das transformações sócio-culturais pelas quais passaram as cidades paraibanas de João Pessoa e Campina Grande na primeira metade do século XX, lembrando que não foi nossa pretensão esgotar um tema rico e complexo como este, ao contrário, pretendemos tão somente dá uma contribuição à história da Paraíba, especialmente a sua história sócio-cultural.

FONTES DE PESQUISA

JORNAIS

O CAMPINA GRANDE, CG, outubro de 1908/junho de 1909.

A IMPRENSA, JP, janeiro/dezembro de 1912.

O SÉCULO, CG, 29 de junho 1928/27 de abril de 1929.

O BRASIL NOVO, CG, 10 de janeiro de 1931/06 de fevereiro de 1932.

A BATALHA, CG, 28 de novembro de 1934/04 de abril de 1935.

VOZ DA BORBOREMA, CG, 16 de junho de 1937/27 de julho de 1940.

O REBATE, CG, 04 de outubro de 1943/04 de outubro de 1944.

O MOMENTO, CG, setembro/novembro de 1950.

REVISTAS

ERA NOVA, JP, março de 1921/dezembro de 1925.

ILLUSTRAÇÃO, JP, 15 de abril de 1935/1ª quinzena de 1937.

MANÁIRA, JP, 1939-1950.

MEMÓRIAS E CRÔNICAS

MARIA FILHO, Francisco. *Crônicas*.

MORAES, Antônio Pereira. *Vi, ouvi e senti*.

PIMENTEL, Cristino. *Abrindo o livro do passado*.

BIBLIOGRAFIA

- ARANHA, Gervácio Batista. "Visões da modernidade urbana: a experiência nortista". IN: *Trem, Modernidade e Imaginário na Paraíba e região: Tramas Políticas-Econômicas e Práticas Culturais (1880-1920)*. Doutorado em História, Unicamp, Campinas, 2001:249-317.
- BRESCIANI, Stella. "História e historiografia das cidades um percurso". IN: *Historiografia brasileira em perspectiva*. FREITAS, Marcos César (org.). São Paulo, Contexto, 1998:237-258.
- CÂMARA, Epaminondas. *Datas Campinenses*. Campina Grande: Ed. Caravela, 1998, 164 p.
- FONSECA, Raimundo Nonato da Silva. "*Fazendo Fita*": *Cinematógrafos, cotidiano e imaginário em Salvador, 1897-1930*. Salvador, EDUFBA-Centro de Estudos Baianos, 2002, 210p.
- LEAL, Wills. *O discurso cinematográfico dos paraibanos (A história do cinema da/na Paraíba)*. João Pessoa: A União Editora, 1989, 268p.
- MARINS, Paulo César Garcez. "Habitação e vizinhança: limite da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras". IN: *História da vida privada no Brasil*, volume 3. São Paulo: Cia das Letras, 1997: 131-214.
- MENEGUELLO, Cristina. *Poeira de Estrelas: O cinema hollywoodiano na mídia brasileira das décadas de 40 e 50*. Campinas/SP, editora da Unicamp, 1996, 194p.
- MOCELLIN, Renato. *O cinema e o ensino da história*. Curitiba, Nova Didática Editora, 2002, 72p.
- RAMINELLI, Ronald. "História Urbana". IN: *Historiografia brasileira em perspectiva*. FREITAS, Marcos Cezar (org). São Paulo, Contexto, 1998:185-202.
- SANTIAGO, Roberval da Silva. *Cinematógrafo Pernambucano: a jornada da transgressão, do sonho e da sedução*. Dissertação de Mestrado, Recife, 1995, 134p.
- SEVCENKO, Nicolau. "Introdução: O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso" e "A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio". In *História da vida privada no Brasil*, Volume 3, São Paulo: Cia das Letras, 1997.
- SOUSA, Fabio Gutemberg R. B. de. *Cartografia e imagens da cidade: Campina Grande – 1920-1945*. Doutorado em História, Campinas, Unicamp, 2001:01-19.
- SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa. "A cinematografização do cotidiano: o cinema e o cotidiano dos campinenses". IN: *Lazeres permitidos, prazeres proibidos – Sociedade, Cultura e lazer em Campina Grande (1945-1965)*. Doutorado em História, UFPE, Recife, 2002:251-285.

VAINFAS, Ronaldo. "História das mentalidades e história cultural" IN: *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Cardoso, Ciro Flamarion e Vainfas, Ronaldo (orgs). Rio de Janeiro: Campus, 1997, pp.127-162.